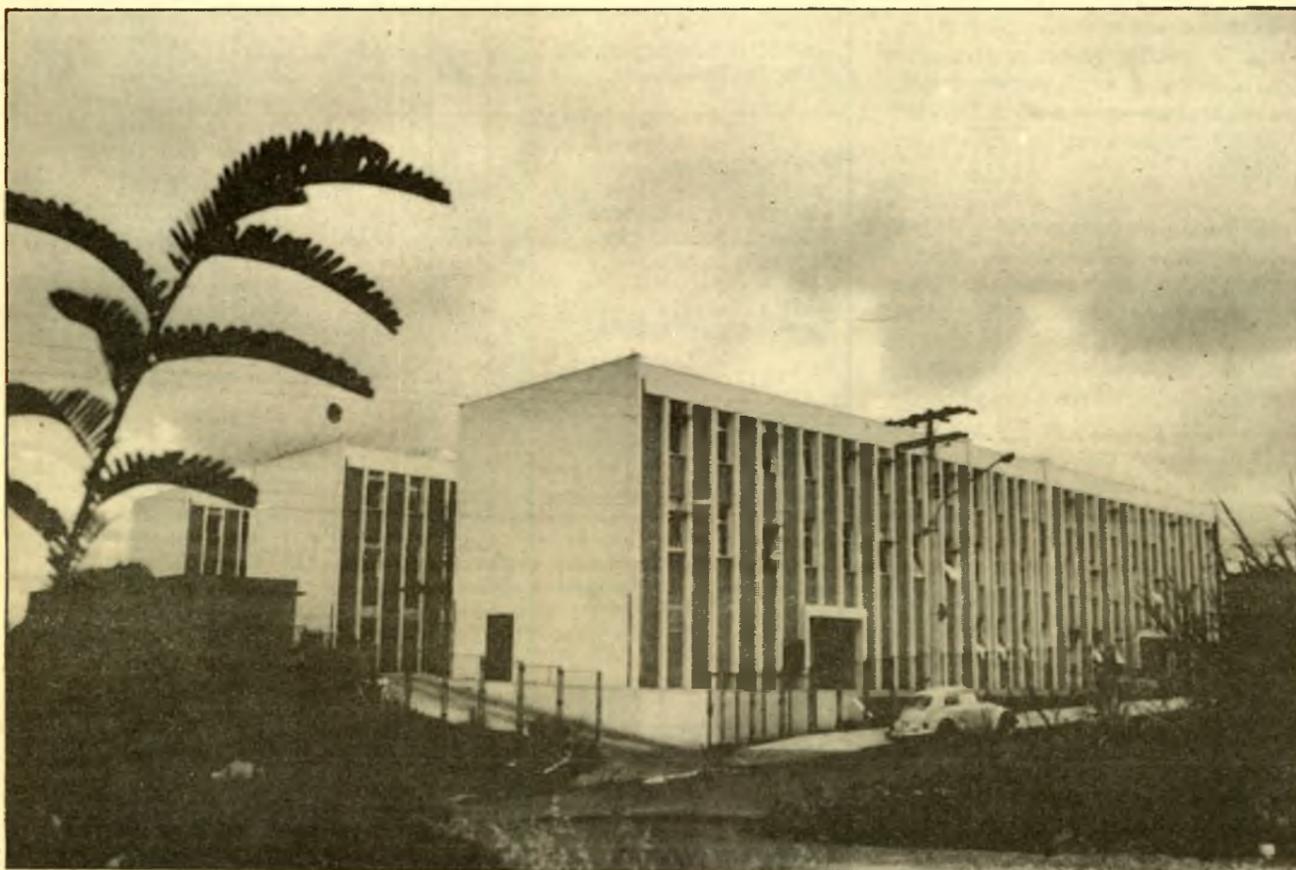


Reitor fala dos anos Vogt

A um mês do término de seu mandato, Carlos Vogt (foto), quinto reitor na ordem de sucessão de Zeferino Vaz, confronta sua folha de serviços com o programa que apresentou à comunidade quatro anos atrás. E explica como fez crescer todos os indicadores físicos num quadro de recessão econômica.
 Página 3.



Quatriênio administrativo mostra os seus indicadores



O prédio recém-construído do Centro Nacional de Processamento de Alto Desempenho: informatização em outro patamar.

Foto: Antoninho Perri

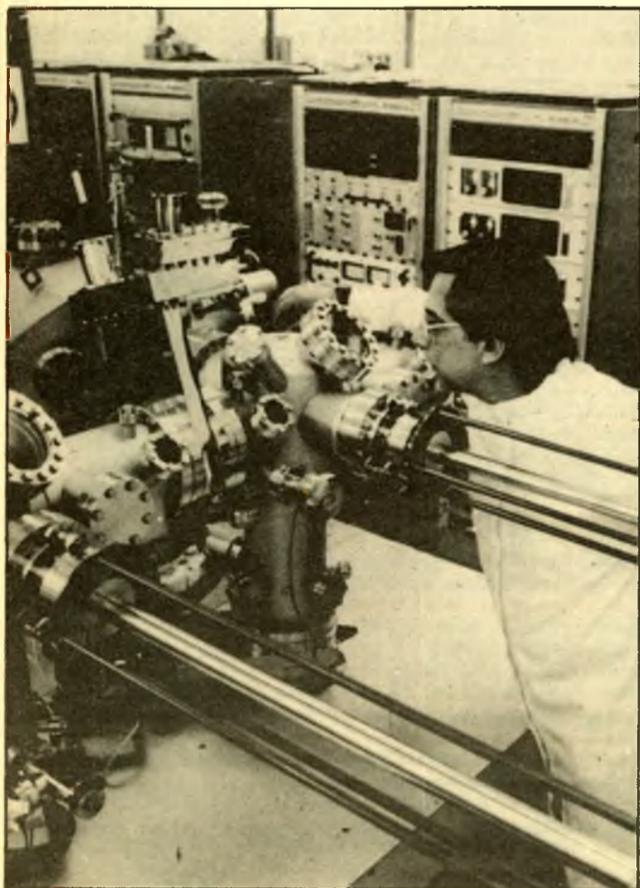
De abril de 1990 a fevereiro de 1994, o número de alunos matriculados nos cursos de graduação da Unicamp cresceu 30%, o número de projetos de pesquisa em desenvolvimento expandiu-se em 75% e o percentual de professores doutores saltou de 54,5% para 72%, bem como de 83,7% para 87,7% o índice de docentes em regime de tempo integral. Paralelamente, o número de cursos noturnos saltou de 1 para 14, a área física construída foi aumentada em 170 mil metros quadrados e o acervo do sistema de bibliotecas subiu de 223 mil para 331 mil livros. E foram defendidas, no período, 42% de todas as teses apresentadas ao longo da história da pós-graduação da Universidade. Essa a herança que o poeta e lingüista Carlos Vogt deixa ao reitor que o sucederá em 19 de abril próximo. Nesta edição, o **Jornal da Unicamp** faz uma síntese de seu quatriênio administrativo.

E MAIS:

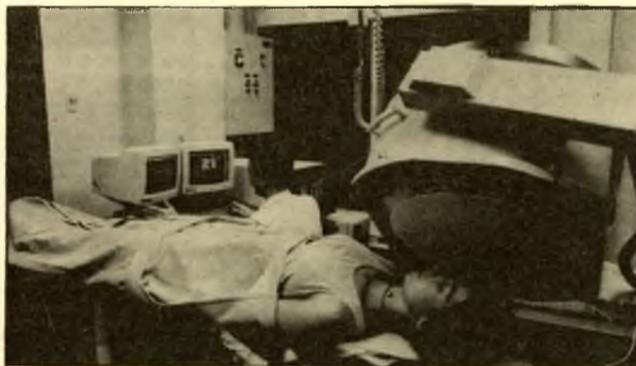
1 REITORÁVEIS — Cinco são os candidatos inscritos à sucessão do reitor Carlos Vogt no contexto do processo de consulta, cujo primeiro turno ocorre nos dias 22 e 23 deste mês. Em havendo segundo turno ele será realizado em 5 e 6 de abril. Leia a respeito na **Página 5**.

2 GALERIA DOS EX — Zeferino Vaz criou a Unicamp, Plínio Alves recebeu a difícil missão de sucedê-lo, Pinotti duplicou a área física do campus e Paulo Renato investiu forte na pesquisa. Na linha de sucessão, Vogt foi o quinto reitor. **Páginas 6 e 7**.

3 O ROLAR DOS ANOS — De Zeferino a Carlos Vogt, são 27 anos de história. Em termos universitários não é muito, mas foi o bastante para que a Unicamp amadurecesse e se consolidasse institucionalmente. Veja os principais fatos dessa história. **Página 8**.



Vários laboratórios foram instalados no período.



Paciente no Serviço de Medicina Nuclear, instalado em 1993.



O campus à noite: 13 cursos noturnos implementados.

Produção cresceu apesar da recessão

Cultura da racionalização levou a aumento de produtividade

A racionalização dos recursos disponíveis e o esforço adicional na captação de verbas extra-orçamentárias, aliados a uma administração austera, foi a tônica predominante do período 1990-94. Surpreendentemente, à progressiva queda orçamentária — decorrente da redução da arrecadação do ICMS do Estado — correspondeu uma expansão significativa dos indicadores de produtividade.

A consolidação da autonomia financeira das universidades públicas paulistas e o aumento da cota-parte da Unicamp de 2% para 2,065% contribuíram decisivamente para esse aumento de produtividade e de desempenho acadêmico da instituição. A evolução significativa dos recursos extra-orçamentários, que passaram de 11,88% em 1989 para 19,27% em 1993, na composição orçamentária global da Universidade, foram, por outro lado, a contrapartida determinante para compensar o declínio de 18% na arrecadação do ICMS do Estado entre os anos de 1990 a 1993.

A queda gradativa na curva de arrecadação do ICMS e de seu conseqüente repasse para a Unicamp foi, porém, acompanhada de uma curva francamente ascendente nos principais indicadores de desempenho. O mais significativo deles, sem dúvida, foi a ampliação do número de projetos de pesquisa que passou, nesse período, de 3.500 para 6.145 no final do período. Contribuiu para isso o fato de quase a totalidade dos 2.114 docentes (87,3%) passarem a trabalhar em regime de dedicação integral. Outro aspecto não menos importante é o salto de professores com titulação mínima de doutor de 54,5% para 72%.

O equilíbrio orçamentário, em consonância com o desempenho acadêmico da Universidade, diferenciando-a em relação às demais instituições públicas de ensino superior do país, — incluindo aí as demais estaduais paulistas —, qualificou a Unicamp como modelo de gestão pública. Não por acaso coube à instituição coordenar o capítulo referente à gestão da qualidade na universidade pública, em seminário realizado em Brasília, no final do ano passado, pela Secretaria da Administração Federal.

Racionalização — Desde o início de sua administração, Vogt centrou um esforço sistemático na racionalização dos recursos existentes. A conciliação das dificuldades iniciais de caixa com o ambicioso Projeto Qualidade parecia, a princípio,

uma tarefa impossível, especialmente diante da perspectiva crescente de redução da atividade econômica no país e no Estado.

Entretanto, o rígido controle orçamentário e a adoção de providências na direção do enxugamento da máquina administrativa viabilizaram o projeto. A decisão de não-contratação de pessoal, compensada por uma política de remanejamentos internos, permitiu reduzir em 1.300 o número de funcionários. A implantação de 14 cursos noturnos na Universidade tampouco implicou em novas contratações.

Outros indicadores relevantes a serem mencionados são a suspensão do pagamento de gratificação para novos cargos em comissão, a normatização do uso de carros oficiais com redução substancial da frota e o redimensionamento do subsídio ao sistema de transporte fretado de funcionários.

As medidas de enxugamento financeiro e de pessoal foram, no entanto, casadas com outras de aprimoramento em seu pessoal visando também à redução de gastos. A capacitação de técnicos para a manutenção e o conserto de aparelhos, bem como o aperfeiçoamento das atividades do Centro de Engenharia Biomédica permitiram uma economia de vários milhões de dólares nos equipamentos gerais da Universidade e particularmente nos da ala hospitalar.

Expansão dos indicadores — Os indicadores físicos da Universidade no período 1990-94 mostram a evolução dos números na gestão que se encerra. No âmbito da graduação foi possível aumentar de 7.203 para 9.539 (24,5%) o número de alunos matriculados. Na pós o crescimento foi ainda maior, passando de 970 para 2.105 (54%) o número de alunos que ingressam anualmente. O número anual de teses defendidas também saltou de 525 para 799 (34,3%).

O número de projetos de pesquisa em andamento cresceu substancialmente nessa gestão, ao passar de 3.500 para 6.145 (43%). O percentual de professores com titulação mínima de doutor saltou de 54,5% para 72%, ao passo que os professores em regime de tempo integral, que em 1989 eram de 83,7%, são hoje de 87,7%. Em contrapartida, o número de funcionários decresceu de 9.605 para 8.930.

Na área da saúde, os números também são expressivos. O número de leitos hospitalares evoluiu de 553 para quase 600, foram internados 23.959 pacientes em 1993 contra 19.726 em 1989, o número de consultas cresceu de 372.963 para 425.614, duplicou-se o número de cirurgias realizadas, o número de exames laboratoriais cresceu 70% e, no âmbito do Hemocentro, o número de procedimentos realizados cresceu, em média, cerca de 500%.

COMPARATIVO DA EVOLUÇÃO DOS INDICADORES FÍSICOS (1989-93)

DISCRIMINAÇÃO	1989	1990	1991	1992	1993
I - Graduação					
Alunos matriculados	7.203	6.911	7.142	7.993	9.539
Vagas oferecidas no Vestibular	1.615	1.635	1.680	1.945	1.990
• Diurno	1.570	1.590	1.470	1.460	1.465
• Noturno	45	45	210	485	525
Candidatos ao Vestibular	30.932	35.671	35.568	37.622	34.853*
Cursos Noturnos	1	1	5	13	14
Médicos Residentes	291	316	329	388	382
FormadosII	943	870	1.000	946	1.070
II - Pós-Graduação					
Alunos matriculados	5.656	5.416	5.596	5.523	6.620
Alunos ingressantes	970	1.034	1.146	1.327	2.105
Dissertações de Mestrado	401	461	542	545	558
Teses de Doutorado	124	135	198	223	241
Formados	525	596	740	768	799
III - Pesquisa e Extensão					
Linhas de Pesquisa	1.180	1.447	1.448	1.358	1.500
Projetos de Pesquisa	3.500	4.200	4.914	5.012	6.145
Cursos de Extensão	143	204	129	137	212
Total de horas/aula - Extensão	1.098	3.457	5.791	6.710	8.400
Alunos matriculados	367	3.245	1.537	2.342	4.439
IV - Funcionários					
Docentes ativos	2.362	2.359	2.162	2.169	2.110
• Mestres e Aux. de ensino (%)	45,50	43,60	38,50	35,60	30,2
• Doutores ou maior grau	54,50	56,40	61,50	64,40	69,8**
Regime de trabalho					
• RDIDP (%)	83,70	84,70	85,50	86,50	87,7
• RTP + RTC (%)	16,30	15,30	14,50	13,50	12,3
Técnico/Administrativos	9.605	9.544	9.198	9.027	8.930
V - Área de Saúde					
Hospitais (HC + Caism)					
Leitos	553	597	597	597	597
Pacientes internados	19.726	21.264	24.739	23.528	23.959
Consultas	372.963	363.598	384.144	405.934	425.614
Cirurgias	10.071	14.529	177.809	18.865	19.529
Exames laboratoriais	811.439	1.110.091	1.317.664	1.263.647	1.389.565
Outros serviços ambulatoriais	265.310	291.169	354.200	397.638	423.779
Raio-X	55.941	72.545	82.016	93.969	108.135
Refeições	1.397.817	1.444.579	1.654.796	1.744.168	1.845.378
Hemocentro					
Exames sorológicos regionais	36.94	94.796	82.397	76.923	102.000
Pacientes hemat. atendidos	-	-	9.000	12.307	17.005
Transfusões de componentes	25.011	56.692	61.920	155.500	218.969
Produção de componentes	28.782	61.793	58.280	197.692	220.00
VI - Infraestrutura					
Área construída (m ²)	379.307	405.989	412.691	437.968	438.728
Refeições serv. (R-I, II e Limeira)	1.718.016	1.772.017	1.887.207	1.903.285	2.349.084
Aparelhos e equip. consertados	15.434	18.991	18.739	19.244	22.126
Bibliotecas					
• Consultas e empréstimos	862.289	952.168	1.134.186	1.256.667	1.261.065
• Acervos de livros	223.133	248.403	292.739	309.589	331.228
Editora					
• Obras editadas	50	38	55	52	82
• Edições/reedições (exempl.)	25.900	20.250	33.100	34.300	46.600
• Co-edições (exemplares)	30.000	14.100	22.000	18.000	43.500

* 44.024 para o Vestibular de 1994

** 72% em dezembro de 1993

Recursos de outras fontes compensam queda orçamentária

A ampliação substancial de convênios e de contratos de prestação de serviços entre a Unicamp e diferentes instituições públicas e privadas possibilitaram o aumento sensível na captação de recursos extra-orçamentários. Os cursos ministrados pela Escola de Extensão (Extcamp) e os recursos provenientes do convênio com o Inamps foram também fundamentais para compor o orçamento da Universidade.

A redução da arrecadação do ICMS do Estado, que provocou uma perda acumulada de US\$ 150 milhões durante os últimos quatro anos, só não foi mais sentida pela instituição em função da contrapartida orçamentária obtida em outras fontes. Para uma verba de US\$ 238 milhões oriunda do Estado, a Unicamp obteve ainda US\$ 45,7 milhões, totalizando um orçamento global de US\$ 283,7 milhões no ano de 1993.

Outros US\$ 52,2 milhões foram ainda adicionados ao orçamento geral da Universidade em benefício das diferentes áreas. Os laboratórios de análise de materiais foram contemplados com US\$ 5 milhões através de doações de equipamentos da IBM. A área de saúde conseguiu US\$ 7,5 milhões da Secretaria de Saúde do Estado e da IBM, verba essa convertida em novos equipamentos e no aprimoramento do processo de informatização do Hospital das Clínicas e do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism). Através da Finep, que liberou US\$ 4,5 milhões, foi possível, sob a coordenação do Escritório de Transferência de Tecnologia (ETT), dar suporte a projetos tecnológicos. E finalmente, a consolidação e expansão do programa de informatização da Unicamp tornou-se viável com novos recursos da Finep e da IBM, que somam US\$ 34,4 milhões.

UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas



Reitor — Carlos Vogt
Vice-reitor — José Martins Filho
Pró-reitor de Extensão — César Francisco Ciacco
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário — Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves
Pró-reitor de Graduação — Adalberto Bono M. S. Bassi
Pró-reitor de Pesquisa — Armando Turtelli Jr.
Pró-reitor de Pós-Graduação — José Dias Sobrinho



Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - Periodicidade mensal. Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP —
 Telefones (0192) 39-7865, 39-7183, 39-8404. Fax (0192) 39-3848
Editor — Eustáquio Gomes (MTb 10.734)
Subeditor — Amarildo Carnicel (MTb 15.519)
Redatores — Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglione (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.917), Lea Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.751) e Raquel do Carmo Santos (MTb 22.473).
Fotografia — Antoninho Marmo Perri (MTb 828)
Ilustração e Arte-Final — Oséas de Magalhães
Diagramação — Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Serviços Técnicos — Clara Eli de Mello, Dário Mendes Crispim, Dulcinea Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior e Sônia Regina T.T. Pais.

Reitor faz o balanço do quadriênio

Em 19 de abril próximo o reitor Carlos Vogt encerra quatro anos de trabalho à frente da Unicamp e transfere o cargo ao seu sucessor. Nesta entrevista, Vogt faz um balanço de seu período administrativo e fala de seus planos para o futuro.

Jornal da Unicamp — Após quatro anos de trabalho à frente da Reitoria da Unicamp, qual é a sensação de passar o cargo, daqui a um mês, a seu sucessor?

Carlos Vogt — Em primeiro lugar, a sensação é de que, passado o tempo e uma vez que a assunção do cargo — portanto nesse limite de tempo — deve trabalhar — a sensação é de que você cumpriu o período para o qual foi escolhido pela comunidade, pelo Conselho Universitário e pelo governador. E que, tendo-o cumprido do ponto de vista horizontal, temporal, você faz um pouco as contas do que se propôs fazer e o do que realmente fez. E essas contas têm de ser medidas não no plano da idiossincrasia e da subjetividade, mas no plano dos dados objetivos. Como os indicadores que medem a produtividade e a qualidade de uma instituição universitária são indicadores universais, é através deles que o reitor e a própria comunidade deve fazer a análise do período que se encerra.

JU — Sobre esse aspecto, o Relatório de Atividades de seu período administrativo, que está prestes a ser concluído, traça um paralelismo entre a queda progressiva da dotação orçamentária (decorrente da redução da arrecadação do ICMS) e a expansão dos índices de produtividade. O sr. acha que, sob esse aspecto, a Unicamp terminou por adquirir uma nova cultura administrativa?

Vogt — Este foi um dos objetivos da gestão. Não só realizar um programa construído de fatos determinantes do ponto de vista do ensino, da pesquisa, das atividades de extensão, da prestação de serviços, mas, ao mesmo tempo, procurar colocar a Unicamp na situação de instituição exemplar também do ponto de vista administrativo. Exemplar academicamente, exemplar cientificamente, exemplar culturalmente e exemplar do ponto de vista da administração e da gestão dos recursos que a sociedade nos envia. Nesse sentido, penso que um dos objetivos da administração foi exatamente o de buscar essas angularidades, isto é, colocar a Unicamp como um exemplificador do que é possível realizar no serviço público, demonstrando que o serviço público também pode ser competente, eficiente e atuar com responsabilidade ética e social.

JU — Em seu programa de trabalho divulgado no início de 1990, intitulado "Universidade, Autonomia e Modernidade", o sr. prometia autonomia e se possível ampliar o conceito da autonomia universitária. Poderia dizer em que medida isso foi conseguido?

Vogt — Na medida segundo a qual, recebendo os recursos de maneira rigorosa, a Unicamp soube administrá-los de modo tal que, em plena crise econômica, com uma queda brutal de arrecadação do ICMS e com a conseqüente perda por parte da universidade, soube administrá-los de maneira a fazer com que a relação custo-benefício fosse extremamente positiva para a Universidade. Não se trata de aspergir confetes, mas o fato é que a administração da Unicamp, como um todo, trabalhou de modo competente e soube consolidar a autonomia. Soube também fazer ver que o sistema funcionou adequadamente, bastando atentar para a situação de total adimplência da universidade.

"A Unicamp é hoje uma instituição exemplar do ponto de vista acadêmico, cultural e administrativo".

de, o que quer dizer: recursos bem administrados, bem aplicados e respostas positivas consideradas sob qualquer aspecto, sob qualquer ponto de vista no que diz respeito aos indicadores de qualidade. O que se fez ainda foi trabalhar no sentido de se aumentar de 8,4% para 9,0% o índice de participação das universidades estaduais paulistas na arrecadação do ICMS do Estado. No momento, estamos nos valendo do prestígio amealhado — do ponto de vista acadêmico, científico e também administrativo — para fazermos ver ao governador e à Assembléia Legislativa a enorme conveniência de se transformar o que é hoje um decreto numa lei complementar. No momento em que isto se der — e está para acontecer — será o coroamento desse processo que se fez de modo feliz, seguro e tranquilo, sobretudo porque o que foi mostrado resultou em extremo benefício para a comunidade universitária e para a sociedade como um todo.

JU — Seu período administrativo coinci-

diu com o pior momento da recessão econômica que atinge o país desde 1978. Apesar disso, o sr. conseguiu investir US\$ 108 milhões em reequipamento e obras, além de captar outros US\$ 156 milhões de fontes diversas. Como isso foi possível?

Vogt — De fato, o volume de recursos que foram mobilizados e vieram reforçar o orçamento do Tesouro não é pequeno, especialmente se se considera o quadro recessivo a que você se referiu. Agora, como foi possível isto? Foi possível exatamente porque implementamos um programa objetivo, sério e austero de administração que, de um lado, reduziu enormemente

quanto é projeto da iniciativa privada. Então procuramos fazer essa inversão, buscando na iniciativa privada os aportes necessários para fortalecer o serviço público. Por conta disso, há quem diga que eu sou privatizador. Não é verdade. Devo dizer que acredito verdadeiramente na liberdade de mercado e no funcionamento do livre comércio, mas acredito também que o papel do Estado é fundamental. O Estado tem um papel importante como promotor, como regulador e como defensor de tudo aquilo que é de interesse do setor produtivo e da sociedade como um todo, se possível gerando empregos, condições de trabalho, de qualidade de

a possibilidade de se realizar uma administração correta e eficiente. O que nós fizemos foi exatamente regulamentar a instituição. Criar, onde não havia, normas, regras que pautassem os mecanismos de decisão e as relações de trabalho. Fazer reconhecer essas regras, reconhecê-las nós mesmo e nos reconhecermos uns aos outros sobre o fundo desse normativo. Isso é contrato social. É o princípio fundamental de uma gestão moderna, coisa que não se faz com demagogia nem com populismo, e nem com o "não" arbitrário ou com o "sim" fácil. Faz-se dentro do princípio de obediência às regras institucionais. Foi o que fiz. Eu não só fiz respeitar como sempre respeitei essas normas. Naturalmente, isso deu seriedade à administração e valeu à Unicamp o reconhecimento e prestígio por sua excelência administrativa.

JU — Com tudo isso, como é que o sr. posicionaria hoje a Unicamp no cenário nacional? O sr. acha que a deixa numa boa posição?

Vogt — Bem, do ponto de vista administrativo eu a deixo totalmente adimplente, o que é importante e ilustrativo em se tratando de uma instituição pública. Deixo-a em situação de adimplência relativamente aos recursos orçamentários e numa situação confortável do ponto de vista da conquista de recursos extra-orçamentários. Deixo-a numa situação em que todos os indicadores de mérito, de competência, de desempenho de produtividade, a apontam como a instituição que certamente mais cresceu, mais se desenvolveu no cenário brasileiro e latino-americano do ponto de vista da formação acadêmica, do número de doutores, da produção de teses, de publicações, das grandes mudanças que fizemos na graduação, na pós-graduação, nos mecanismos de ensino e de pesquisa. De modo que o meu relatório final está em condição de dispensar qualquer discurso retórico ou ufanista para, de forma objetiva, reproduzir aquilo que fizemos na prática, o que aliás já estava previsto no programa "Universidade, Autonomia e Modernidade". Esse documento final é, nesse sentido, a imagem agora refletida do que se propôs naquele documento inicial e do que foi efetivamente realizado. Posso garantir que todos os pontos que ali constam foram cumpridos e, em boa medida, superados. Nesse sentido eu tenho a impressão de que a Unicamp é hoje uma universidade que pode ser situada como uma das melhores universidades brasileiras, uma das melhores entre as latino-americanas e certamente também uma das mais bem-sucedidas em termos internacionais.

JU — Após deixar a Reitoria, o que o cidadão e homem público Carlos Vogt vai fazer daqui para a frente?

Vogt — Um de meus projetos é o de me dedicar ao Instituto Universidade-Empresa (Uniemp), entidade supra-universitária e supra-empresarial que é no fundo um desdobramento filosófico do nosso Escritório de Desenvolvimento de Tecnologia (ETT). Esse instituto, que congrega universidades e empresas de diferentes pontos do país, é hoje seguramente o principal ponto de aproximação entre a produção tecnológica e o setor produtivo. Eu devo, então, saindo da Reitoria, dedicar-me ainda com maior afinco a esse projeto, porém agora já em sua parte executiva, no sentido de aprofundar, ampliar e criar ainda melhores condições para essa aproximação. Esse é um trabalho que, objetivamente, vou realizar. E isto me coloca, portanto, numa atividade que me agrada bastante e pela qual tenho muito carinho, sendo a reitoria um desdobramento de meu trabalho na Reitoria em um de seus principais aspectos. Através

"O que fizemos foi regulamentar a instituição, criando normas onde não havia e pautando as relações de trabalho".

dele espero poder continuar colaborando com o desenvolvimento institucional da Unicamp, que é a minha casa. Devo também voltar a desenvolver minha atividade acadêmica, retomá-la no sentido de procurar cumprir minhas obrigações acadêmicas e científicas. E vou ainda acompanhar, coordenar, do ponto de vista administrativo, todo o projeto do recém-criado Laboratório de Jornalismo, do projeto grande e inédito que também envolve as relações universidade-empresa, voltado não só para a formação de recursos humanos no nível da pós-graduação mas também para o desenvolvimento de programas de consultorias, assessorias e estudos na área de jornalismo e da informação em geral. O laboratório está ligado ao Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri), cuja coordenação deixei para exercer as funções de vice-reitor, há oito anos, e que agora vou retomar com prazer.



Vogt: "A Unicamp em situação de instituição exemplar do ponto de vista administrativo."

os gastos considerados excessivos, inúteis ou inertes do ponto de vista de produtividade e, de outro, concentrou a capacidade de decisão dos gastos num sistema constituído pela Reitoria e seus órgãos colegiados, o Conselho, as câmaras, as unidades, de modo a racionalizar e ao mesmo tempo modernizar a sistemática de decisão. De modo que a universidade aprendeu a gastar. E esse aprendizado foi certamente um dos maiores tesouros que ela conseguiu. No Brasil, como se sabe, o problema não é gastar muito ou pouco, é gastar mal. As instituições públicas em geral gastam errado até por falta de um compromisso de mais longo prazo. Como na Unicamp há claramente um projeto institucional de longo prazo, parte desse projeto foi um processo de aprendizagem da gerência dos recursos dentro do sistema da autonomia de gestão financeira. Isso representou, digamos, uma capacidade de controle considerável, principalmente do ponto de vista da organização, da modernização, da valorização dos recursos humanos através da criação das carreiras, dos planos de carreira, das ocupações, dos perfis, das amplitudes e de todo o processo de treinamento, transformação e agilização da parte administrativa. Tudo isso e sobretudo, é claro, pela atualização dos instrumentos tecnológicos indispensáveis, tendo aí a informática um papel fundamental.

JU — Muito do investimento feito se tornou agressiva de aproximação com a indústria. Qual o saldo real dessa parceria e que caminhos ela abre para o futuro?

Vogt — Eu diria que a maioria dos resultados benéficos do ponto de vista dos recursos que foram aportados para a Universidade, recursos que vieram colaborar com a composição da capacidade de investimento e de custeio da Universidade, além desse aspecto há ainda uma questão de fundo, conceitual, que diz respeito a essa necessidade extrema que nós temos, no Brasil, de buscar novos agentes para o financiamento do serviço público. Temos de inverter essa equação segundo a qual é responsabilidade do Estado ficar amamentando tudo

vida e assim por diante. Agora, o Estado tem de ser assumido. Ele precisa ser socia. É indispensável que seus projetos sociais nas áreas da saúde, da educação, da habitação encontrem parceiros no setor privado. E é necessário, para isso, fazer um trabalho pedagógico de aproximação. Nesse sentido a parceria não é apenas a busca de recursos fora de um contexto conceitual mais forte. Ela é um programa conceitual. É a busca de uma modificação da cultura das relações entre o setor privado e o setor público.

JU — Ao mesmo tempo, o sr. foi um reitor que normatizou e disciplinou ao máximo os procedimentos institucionais. Isso lhe valeu a fama de ter sido um reitor que administrou com mão de ferro. O que tem a dizer a respeito?

Vogt — Bom, uma vez eu disse — e até escrevi isso no meu programa de gestão — que no Brasil se faz, de uma maneira um pouco precipitada e apressada, uma enorme confusão entre autoritarismo e exercício da autoridade. Eu dizia — e continuo a acreditar nisso — que tanto o autoritarismo quanto a omissão da autoridade são filhos gêmeos e espúrios do mesmo monstro que foi a ditadura militar. Ela gerou esses gêmeos terríveis: de um lado o autoritarismo e de outro a omissão da autoridade. Um dos males do serviço público é exatamente as pessoas exercerem cargos de autoridade com nenhuma exigência ou quase nenhum compromisso com os objetivos para os quais esses cargos existem. Trata-se, na verdade, de não só cumprir a lei e de fazer cumprir a lei, mas também de tornar o serviço público competente e eficiente dentro dos princípios de responsabilidade ética e social. Ora, para fazer isso é preciso que a postura do dirigente seja uma postura íntegra, correta do ponto de vista ético, do ponto de vista social, político e econômico, mas isso não basta. Ao mesmo tempo é preciso que isso se faça com a autoridade respaldada nos princípios constitucionais, legais e estatutários próprios da instituição. Fazer cumprir essas normas, fazer respeitá-las e antes de tudo respeitá-las você mesmo, esse é o fundamento de toda

Indicadores da Pós são inéditos

Quatriênio concentra 45% das teses defendidas em toda a história da Universidade

A influência da pós-graduação da Unicamp na produção científica e tecnológica e na formação de professores de todo o país é inegável. A concentração de 41% (6.620) dos alunos da Unicamp na pós — índice incomum em universidades latino-americanas, reflete a opção da instituição pela pesquisa como elemento fundamental na geração de novos conhecimentos.

Consciente do papel da Universidade na formulação de novas idéias e de agente multiplicador da informação, o período 1990-94 serviu para que se diversificasse ainda mais o programa de pós-graduação. Dos 144 cursos de mestrado e doutorado hoje existentes, 29 deles (20,1%) foram criados na atual gestão, período em que foram também defendidas 45% (2.894) do total geral de toda a história da Universidade.

A avaliação periódica feita pela Capes (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), é um dos termômetros da qualificação dos programas de pós-graduação da Universidade. Os últimos números da Capes indicam que 67% dos cursos de doutorado da Unicamp vêm merecendo conceito máximo "A" e 28,5% o conceito "B". Já no âmbito do mestrado a avaliação é parecida. O conceito "A" foi obtido por 57% dos cursos e o "B" por 39,5%.

Embora a Universidade concentre 60% de suas atividades nas áreas tecnológicas, as áreas de humanas, biológicas e artes foram as que mais se expandiram nos últimos anos. Existe, hoje, um equilíbrio natural na divisão dos cursos de pós, já que 30% dos alunos estão matriculados na área de humanas e artes, 48% na de exatas e tecnológicas e 22% na de biomédicas. Cerca de 1.700 dos 6.020 alunos da pós são oriundos de outros estados brasileiros e cerca de 600 de instituições estrangeiras provenientes de 45 países.

A formação sólida dos alunos de pós-graduação da Unicamp é possível em função do qualificado corpo docen-

te da instituição, onde 72% já atingiram o título de doutor. Muitos desses professores contam também com cursos de pós-doutorado realizados no exterior. Outro aspecto não menos importante é o acervo da Biblioteca Central e das bibliotecas setoriais, que hoje reúne 340,5 mil títulos e 17.546 periódicos, ferramenta essencial para a permanente atualização dos docentes e o desenvolvimento de pesquisas por alunos e professores. Por outro lado, a concessão de bolsas de estudo de organismos como CNPq, Capes e Fapesp garantem a dedicação integral desses alunos, muitos deles professores de outras instituições públicas ou privadas que buscam na Unicamp seu aperfeiçoamento. A excelência dos cursos da Unicamp amplia a distribuição de bolsas na Universidade. Durante a gestão Vogt houve um aumento de 53,9% no número de bolsas, que passaram de 1.590 para 2.928. Os últimos dados mostram que em 1993 os alunos de pós conseguiram 1.182 bolsas do CNPq, 1.554 da Capes (sendo 1.042 de demanda social e 512 do PICD) e 192 da Fapesp. Existem ainda outras bolsas concedidas pela própria Universidade.



Defesa de tese no Departamento de Mídias do Instituto de Artes.

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANO	ALUNOS REGULARES	ALUNOS ESPECIAIS	TOTAL
1986	3.205	918	4.123
1987	3.627	1.078	4.705
1988	4.225	1.201	5.426
1989	4.492	1.164	5.656
1990	4.451	965	5.416
1991	4.548	1.048	5.596
1992	4.573	950	5.523
1993	5.275	1.345	6.620

Graduação cresce 33% em número de alunos

Reestruturação dos cursos começou com diagnóstico realizado em 92

O ano era 1990 e o mercado japonês lançava uma enciclopédia eletrônica de bolso, com capacidade de armazenar 100 mil páginas de informações. Naquele mesmo ano, a comunidade científica e o mundo assistiam ao progresso das missões espaciais — o Japão tornava-se o terceiro país a chegar à Lua, enquanto que a sonda norte-americana Ulisses, lançada para estudar as regiões polares do Sol, batia o recorde de velocidade entre os veículos fabricados pelo homem. Essa evolução científica certamente não teria ocorrido caso o homem não se voltasse para o aprimoramento do ensino, ainda em suas bases. Sem a pretensão de alcançar o mesmo nível dos centros envolvidos com a corrida espacial, no ano de 90 a Unicamp deflagrou um novo processo, visando à excelência de seus cursos em todos os níveis.

Exemplo disso foi o diagnóstico sobre a formação acadêmica, o ritmo em que ela ocorre, os níveis de produtividade da graduação e da pós e, ainda, a eficiência dos parâmetros custo/benefício. O trabalho foi realizado por consultores externos à Unicamp, ligados às áreas de exatas, tecnológicas, humanas e biológicas. Entre os objetivos do diagnóstico estava a reformulação estrutural dos 42 cursos de graduação, uma vez que, não raras vezes, alunos ainda no terceiro ano são procurados para estagiar em empresas da região de Campinas.

Associado a esses fatores, 1993 foi eleito na Unicamp como o "ano da graduação" — coincidentemente, quando a Universidade obteve maior número de matrículas: 9.539, contra 6.911 em 1990. Em função do programa de

EVOLUÇÃO DA DEMANDA NOS CURSOS NOTURNOS (1988-93)

CURSOS	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Matemática Lic.	105	191	225	243	174	256
Tec. Sanitária	45	75	361	230	313	197
Tec. Edifícios	58	89	136	320	220	274
Tec. Obras de Solos	20	117	108	375	337	215
Tec. Proc. Dados					551	483
Pedagogia				277	278	245
Engenharia Química					363	398
Física					208	208
Engenharia Elétrica					620	635
Ciência da Computação					988	1.214
Engenharia de Alimentos					316	480
Ciências Sociais					253	251
Educação Física					67	660
Ciências Biológicas						152
Número de Vagas	135	135	135	210	435	525
Número de inscritos	228	472	830	1.445	4.688	5.668



Alunos em atividade em laboratório de ensino do Instituto de Biologia.

reestruturação do ensino da graduação, criaram-se novas comissões de graduação no âmbito das unidades de ensino e pesquisa, com responsabilidades ampliadas no tocante à avaliação crítica dos currículos. Para prover a infraestrutura material dos cursos e facilitar a sua reorganização ao longo do ano, a Reitoria destinou às faculdades e institutos uma dotação especial anual de US\$ 400 mil — repasse adicional que equivale a 13% do orçamento de custeio do conjunto de unidades de ensino e pesquisa.

Paralelamente eram aumentadas em 50% as bolsas de iniciação científica e de bolsas-trabalho, beneficiando mais de 600 alunos de graduação. Também o número de bolsas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) para os alunos de graduação aumentou de 40 para 100 e o Conselho Nacional de Pesquisa Tecnológica (CNPq) destinou para o mesmo segmento 150 bolsas de iniciação científica.

No contexto do programa de reestruturação do ensino de graduação e

do Projeto Qualidade, foi criado o projeto de estímulo à produção de livros para a graduação. O objetivo era ampliar o papel didático dos docentes através do desdobramento de sua capacidade intelectual para a produção de textos que venham a enriquecer e qualificar ainda mais o ensino na Unicamp. Com isso espera-se que os cursos de graduação da Universidade possam crescer em desempenho e reduzir os fatores de evasão, flutuação e retenção de estudantes.

13 dos 14 cursos noturnos foram implantados no período

Para resgatar uma antiga dívida social da Universidade, e ao mesmo tempo atender ao dispositivo constitucional que determina às universidades públicas oferecerem 1/3 de suas vagas à noite, a Unicamp implantou no período 13 dos 14 cursos noturnos existentes na instituição. Tal medida representou a ampliação de 30% no número de vagas oferecidas na graduação. Mesmo antes da obrigatoriedade constitucional, a Universidade iniciava em março de 1988 o curso noturno de licenciatura em matemática e em 1991 começou a funcionar à noite o curso de pedagogia. No ano seguinte, representando um acréscimo de 225 vagas, era anunciada pelo reitor Carlos Vogt a implantação de novos cursos em áreas tradicionalmente não disponíveis nas universidades públicas, como ciência da computação, física e engenharias. Desta forma, atendia-se a uma antiga reivindicação da coletividade.

Os cursos e número de vagas oferecidos atualmente pela Universidade são os seguintes: ciência da computação (30), ciências biológicas (40), ciências sociais (30), educação física (50), engenharia de alimentos (30), engenharia elétrica (30), engenharia química (30), física (30), matemática licenciatura (60), pedagogia (30), tecnologia de edifícios (45), tecnologia em obras de solo (45), tecnologia em processamento de dados (45) e tecnologia sanitária (45).

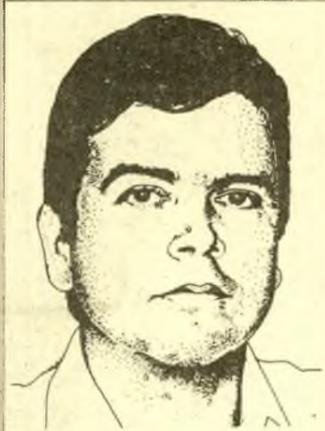
Recente pesquisa realizada com os alunos dos 14 cursos noturnos demonstrou que 52,8% deles optaram por esse período porque trabalhavam durante o dia e, entre outros dados, que 9,56% escolheram esse período porque o curso que viviam só era oferecido à noite.

Conheça o perfil dos reitoráveis

Nos dias 22 e 23 próximos (terça e quarta-feiras) será realizado o primeiro turno da consulta à comunidade da Unicamp para a escolha do novo reitor da instituição. Cinco candidatos estão inscritos: Antônio Celso Arruda, Fernando Galembeck, Francisco Reis, José Martins Filho e Luís Alberto Magna. Caso nenhum dos candidatos inscritos obtenha mais de 50% dos votos ponderados válidos das categorias docente, discente e de servidores técnicos e administrativos, haverá nova consulta nos dias 5 e 6 de abril. Quatro urnas serão colocadas para a votação. Duas delas no campus de Barão Geraldo (Ginásio Multidisciplinar e Hospital das Clínicas), uma no campus em Piracicaba, na Faculdade de Odontologia, e outra em Limeira, no Colégio Técnico (Cotil).

A lista com os três candidatos mais votados na consulta à comunidade será encaminhada ao Conselho Universitário (Consu), órgão de deliberação superior da Universidade, que por sua vez encaminhará a lista tríplice ao governador do Estado, que fará a escolha definitiva. O novo reitor da Universidade — o sexto na linha de sucessão do seu fundador, professor Zeferino Vaz — tomará posse no dia 19 de abril para um mandato de quatro anos. O *Jornal da Unicamp* mostra aqui um breve perfil dos candidatos ao cargo máximo da instituição.

Órgão de deliberação superior da Universidade, que por sua vez encaminhará a lista tríplice ao governador do Estado, que fará a escolha definitiva. O novo reitor da Universidade — o sexto na linha de sucessão do seu fundador, professor Zeferino Vaz — tomará posse no dia 19 de abril para um mandato de quatro anos. O *Jornal da Unicamp* mostra aqui um breve perfil dos candidatos ao cargo máximo da instituição.



Antônio Celso Arruda

Antônio Celso Fonseca de Arruda, 45 anos, é engenheiro formado pela Unicamp em 1972. Professor titular desde 1986, desenvolveu praticamente todas as etapas de sua vida acadêmica na Unicamp.

Orientou duas dezenas de dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de projetos de Iniciação Científica — com média de 2,5 trabalhos publicados por orientado ao longo dos últimos 15 anos, apesar de seu crescente envolvimento tanto em novos temas acadêmicos (materiais semicondutores, biomateriais, materiais eletro-reológicos) como em projetos tecnológicos, projetos de ensino, políticas estratégicas (petróleo) e atividades administrativas.

Desenvolveu equipamentos médico-hospitalares hoje industrializados em escala. Presidiu o conselho do Centro de Tecnologia da Unicamp. Estruturou o convênio Unicamp-Petrobrás, que originou o Centro de Estudos de Petróleo (Cepetro), tendo sido seu primeiro coordenador. Participou da diretoria da Funcamp, foi assessor da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, chefe de Departamento e diretor da antiga Faculdade de Engenharia de Campinas, administrando o processo de desmembramento que resultou nas Faculdades de Engenharia Elétrica, Engenharia Química e Engenharia Mecânica como unidades independentes. Na sua gestão ocorreu a construção e transferência da FEM para as instalações atuais.

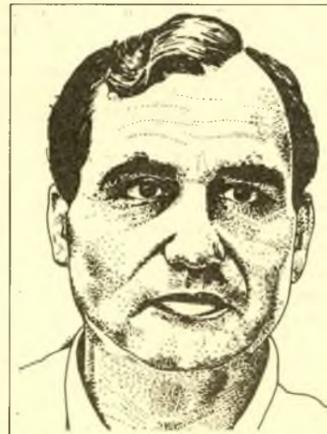
Atualmente Celso Arruda é assessor das principais agências de fomento à pesquisa do país (CNPq, Finep, Fapesp), é representante docente na Sociedade dos Engenheiros de Petróleo, presidente da Associação de ex-Alunos da FEM-Unicamp e representante dos professores titulares na Congregação da Faculdade. Orienta cinco teses de doutorado e uma dissertação de mestrado, mantendo cooperação científica com centros de pesquisa na França, empresas na Alemanha e universidades norte-americanas.

Fernando Galembeck

Fernando Galembeck, 51 anos, é químico formado pela Universidade de São Paulo, onde também licenciou-se e fez seu doutorado. Fez pós-doutoramento na Universidade do Colorado (EUA), Universidade da Califórnia (Davis, EUA), Escola Paulista de Medicina e no Unilever Port Sunlight Laboratory. Até seu ingresso na Unicamp, em 1980, como professor do Instituto de Química, foi docente na USP por 15 anos, na Unesp de Araraquara e na Faculdade de Medicina da USP em Ribeirão Preto. É professor titular desde 1983.

Sua atuação acadêmica, no ensino e na pesquisa, inclui as áreas de físico-química, química aplicada, polímeros, colóides e superfícies. É autor ou co-autor de 90 trabalhos publicados em periódicos especializados de circulação internacional (70 dos quais com alunos de pós-graduação, autores de 32 teses já defendidas). Orientador de quatro trabalhos premiados no Brasil e no exterior, é palestrante convidado e conferencista plenário em congressos no Brasil, Alemanha, América Latina e Estados Unidos. É também membro das Academias Paulista e Brasileira de Ciências.

No plano administrativo, Galembeck foi diretor associado do Instituto de Química no período 1982-83 e seu coordenador de pós-graduação (1983-84); coordenador do Ponaq/CNPq (1983-85), do grupo técnico de química e engenharia química do PADCT (1983-87), membro e vice-presidente do GEA/PADCT desde 1989, coordenador de área (1986-87) e coordenador adjunto do diretor executivo da Fapesp (1992-93), assessor de vários órgãos de fomento nacionais e estrangeiros, executor de vários projetos financiados por agências e empresas. Foi, além disso, fundador e vice-presidente, presidente e conselheiro da Sociedade Brasileira de Química; secretário geral da SBPC (1989-91); e tem atuação editorial em cinco revistas científicas, duas das quais no exterior.



Francisco Reis

Francisco Reis, 47 anos, é farmacêutico formado pela Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em química pela UFRJ, em 1972, concluiu seu doutorado em Química pela Universidade de Paris-Orsay, em 1976. É professor livre docente pelo Instituto de Química da Unicamp desde 1986. Foi aprovado em concurso público para professor Titular no Departamento de Química Orgânica em 1988.

Publicou 23 trabalhos em revistas internacionais e participou de 40 congressos nacionais e internacionais. Foi eleito para a chefia do Departamento de Química Orgânica (1991-1992) e, por diversas vezes exerceu a representação docente junto ao Departamento e à Congregação do IQ. Foi membro da Comissão de Ensino e Coordenador de Seminários (1976/1979) e da Comissão de Graduação (1987) do IQ. Ao longo de 18 anos como docente da Unicamp prestou assessoria à Fapesp, CNPq, Finep, PADCT e Departamento de Ciência e Tecnologia (SEP).

Assumiu a superintendência geral da Fundação para o Remédio Popular (Furp) do Estado de São Paulo (de fevereiro de 1988 a setembro de 1990), o maior laboratório farmacêutico público do país. Prestou assessoria à Organização Panamericana de Saúde e ao Banco Mundial na área de medicamentos. Participou de todas as etapas que culminaram na 9ª Conferência Nacional de Saúde na qual foi membro da Comissão da Relatoria.

Em janeiro de 1993 foi nomeado coordenador de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde. Nesta função formulou a proposta de criação do Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia em Saúde e a proposta de Política de Medicamentos de onde se originou o Decreto 793/93 que introduz os medicamentos genéricos no Brasil. Foi designado secretário nacional de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde (09/80 a 07/10/93), onde implantou o Programa Nacional de Inspeção às Indústrias Farmacêuticas, cujo objetivo é assegurar a qualidade dos medicamentos.

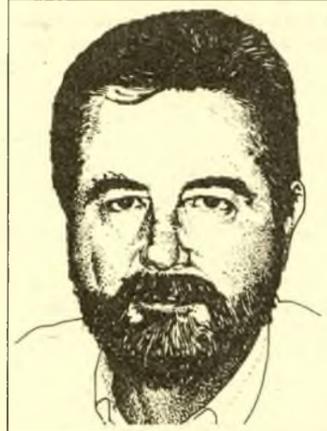
José Martins Filho

José Martins Filho, 50 anos, é médico pediatra formado pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Sua vida acadêmica transcorreu toda na Unicamp, onde se encontra há 26 anos. Aqui fez seu doutorado em 1972 e livre-docência em 1976. Foi aprovado em concurso para professor titular em 1986. Foi diretor da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e, desde 1990, é vice-reitor e coordenador geral da Universidade.

Sua produção acadêmica inclui a publicação de 71 trabalhos (vários em revistas internacionais) e a publicação de dois livros. Um terceiro encontra-se no prelo. É também co-autor de outros 10 livros. Apresentou 54 contribuições em simpósios e congressos nacionais e internacionais. Fez 203 conferências no Brasil e no exterior. Participou de 94 bancas de mestrado e doutorado. Orientou oito teses já defendidas. Atualmente dois professores fazem doutorado sob sua orientação.

Participa como professor convidado do curso de Pediatría, no 4º ano da graduação da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. É responsável por duas disciplinas na pós-graduação da FCM. Atua em consultoria no Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (Inan) do Ministério da Saúde, na Organização Pan-americana da Saúde (Opas), na Organização Mundial da Saúde (OMS), no Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Presta assessoria, na área de nutrição, à Fapesp, Capes e CNPq. Pertence ao Conselho Editorial de várias revistas médicas. É responsável pela criação da revista médica da FCM da Unicamp, em 1989, quando foi diretor da unidade.

Na Unicamp ocupou vários cargos administrativos. Foi chefe de departamento, presidente da comissão de pós-graduação em Pediatría, diretor associado e diretor da FCM. Exerceu também o cargo de presidente do Conselho de Administração do Hospital das Clínicas.



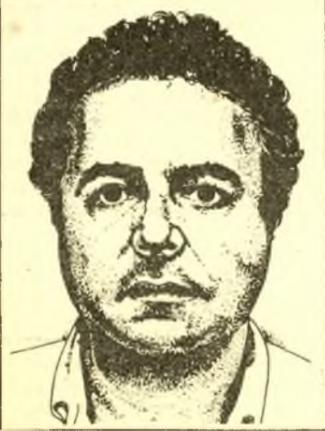
Luís Alberto Magna

Luís Alberto Magna, 39 anos, ingressou na Unicamp em 1973, como aluno do curso de Medicina, concluído em 1978. Foi bolsista de Iniciação Científica e iniciou as atividades docentes na Unicamp em 1979, no Departamento de Genética Médica da (Faculdade de Ciências Médicas) FCM. Até 1987 obteve os títulos de mestre, doutor e livre-docente e tornou-se professor titular.

Exerceu a chefia do Departamento de Genética Médica, foi coordenador do curso de pós-graduação em Genética do Instituto de

Biologia (IB) e coordenador dos cursos de pós-graduação da FCM, dando início à consolidação da reformulação desses últimos.

Paralelamente ao desenvolvimento das atividades docentes, assistenciais e de pesquisa, o progressivo acúmulo das experiências administrativas pelas funções exercidas desde 1986, iniciada com o exercício da chefia de Departamento, culminou com a direção, desde 1990, da Faculdade de Ciências Médicas, uma das mais complexas unidades de ensino e pesquisa da Unicamp.



Fundador foi um criador de escolas

Zeferino era um homem dominado pela necessidade de ação

“Era de pequena estatura, mas que sombra projetava ao seu redor. Sua fronte magnânima dominava as feições delicadas revelando sua índole guerreira. Uma idéia promissora o fazia explodir no mais pueril e sadio entusiasmo. Uma injustiça o punha como um cavaleiro andante, imediatamente ao lado do mais fraco”. A descrição da personalidade do professor Zeferino Vaz, fundador e reitor *pro tempore* da Unicamp durante 12 anos, é do professor Rogério César Cerqueira Leite. Mas a melhor definição foi dada pelo próprio Zeferino. “Sou um homem possuído e dominado pela necessidade de ação”.

E ação foi o que não faltou na vida desse homem que dedicou todas as suas energias para a batalha da educação universitária no país. Criar uma universidade de prestígio no Estado de São Paulo, que já convivia com a excelência da USP, foi um desafio que Zeferino aceitou de pronto. Em 1965 foi designado pelo então governador Laudo Natel para coordenar o processo de interiorização das universidades paulistas, que resultou na implantação da Universidade Estadual de Campinas. Sua pedra fundamental foi lançada em 1966, no que era apenas um canal, no distrito de Barão Geraldo, a 12 quilômetros do centro da cidade. Transformar os 30 alqueires doados pela família Almeida Prado numa instituição de ensino superior de renome internacional, não era coisa simples.

Entretanto, como disse uma vez a ex-ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz, à beira do túmulo de Zeferino, em 10 de fevereiro de 1981, “ele só se sentia feliz quando

tinha problemas a resolver e dificuldades a superar”. Essa capacidade de superação de situações difíceis era respaldada por uma filosofia e por um tino para o gerenciamento que ele gostava de alardear: “Uma verdadeira universidade se faz, em 1º lugar com homens competentes. O resto vem como consequência”, dizia.

Homem de trânsito fácil em todos os segmentos — civis e militares, no clero, na indústria e no meio estudantil — numa época política difícil, Zeferino conseguia sempre abrir caminho não só para obter recursos para a instalação da Unicamp como também para trazer de volta ao Brasil cientistas de envergadura como os físicos César Lattes e Sérgio Porto. Sua menor preocupação era com a ideologia. Seu princípio era a competência acadêmica. Estava preocupado com cérebros e costumava dizer àquelas que o criticavam por manter no campus da universidade cientistas críticos ao sistema vigente, porque — dizia — “de meus comunistas cuido eu”.

Em busca da Excelência — A própria concepção arquitetônica do campus da Unicamp, em forma radial, com seus anéis de circulação, visando à integração da comunidade universitária, contou com a participação direta de Zeferino. Ele tinha olhos para tudo e sua presença se fazia notar em todos os setores, quer administrativos, científicos ou acadêmicos. Nada era resolvido sem seu aval. As decisões rápidas eram o seu forte, o que fazia com que a jovem universidade conquistasse rapidamente um status invejável no sistema universitário brasileiro.

Uma demonstração inequívoca de que sua preocupação fundamental era com a excelência e não propriamente com edifícios foi que, ao mesmo tempo em que se erguiam os primeiros galpões, a instituição recebia nada menos do que 230 professores estrangeiros escolhidos a dedo por sua área de atuação e outros 180 cientis-

tas brasileiros que formaram o primeiro “exército” de resistência intelectual da Unicamp e, ao mesmo tempo, um centro de reflexão crítica de primeira grandeza. Isto só era possível porque, apesar do momento de exceção em que vivia o país, no campus de Barão Geraldo, sob a “proteção” branca de Zeferino, o debate corria solto.

O reconhecimento científico — A forma como a Unicamp foi se desenvolvendo, com a instalação gradativa de faculdades e institutos, e investimentos maciços na investigação de ponta, através de seus laboratórios de pesquisa e de seus programas de pós-graduação, deu início à instituição, desde o início, pronto reconhecimento científico nacional e internacional.

O status conquistado pela Unicamp durante a gestão Zeferino possibilitou que a jovem universidade captasse recursos dos principais órgãos de fomento à pesquisa do Brasil e do exterior. A era Zeferino Vaz marcou definitivamente um modelo de universidade brasileira. Seus sucessores tiveram que se esforçar muito para dar continuidade à sua obra e abrir novos caminhos para que a Unicamp mantivesse, ao longo dos anos, o mesmo prestígio adquirido por seu fundador. A concepção de Zeferino sobre uma universidade é fruto de sua própria experiência acadêmica. Formou-se em medicina aos 23 anos. Um ano depois, já chegara ao título de doutor. Aos 27 anos conquistou por concurso a cátedra de Zoologia Médica e Parasitologia do atual Instituto de Ciências Biomédicas da USP. Foi, nos anos 40, diretor da Faculdade de Medicina Veterinária. Quando faleceu, em 1981, tinha completado 50 anos de vida acadêmica.

Homem empreendedor e realizador, Zeferino implantou e dirigiu durante dez anos a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, que logo ficou conhecida como uma das melhores do



Zeferino Vaz, idealizador e fundador da Unicamp.

país. Nos anos 60 foi convidado a dirigir a Universidade de Brasília (UnB). Sua vida foi inteiramente dedicada à educação, e sua contribuição na área é considerada inegável até pelos seus inimigos, que às vezes inevitavelmente fazia, em função de sua franqueza, mal compreendida. De qualquer forma, o modelo de univer-

sidade delineado cuidadosamente por Zeferino é hoje perseguido por muitas das instituições de ensino superior do país. Nem sempre porém elas obtiveram êxito. Talvez porque, como a criação da Universidade de Campinas se deu em condição ímpar, dificilmente sua trajetória possa ser repetida por outra instituição.

A difícil tarefa de suceder Zeferino

Para Plínio, sua gestão teve saldo positivo

Sucessor ao professor Zeferino Vaz não seria tarefa fácil para pessoa alguma, tal o ritmo que ele imprimiu à implantação da Unicamp e a sua forma peculiar de administração. O segundo reitor da Unicamp, professor Plínio Alves de Moraes, foi obrigado a conviver com essa tarefa. Ele mesmo reconhece hoje que “seria difícil para qualquer reitor substituir Zeferino Vaz”. Além disso, a gestão do professor Plínio ocorreu num momento em que o país enfrentava uma forte recessão econômica, decorrente da crise do petróleo que eclodira em meados dos anos 70, pondo fim ao chamado “milagre econômico”.

Era uma época de “vacas magras”, em que a obtenção de recursos — que fluíam facilmente durante a administração anterior —, dificilmente eram conseguidos. Paralelamente à crise financeira que assolava o país e por extensão às universidades, crescia no âmbito da Unicamp as reivindicações de todas as naturezas. As greves salariais se intensificaram, os laboratórios ficaram à míngua, sem a injeção de verbas para a continuidade das pesquisas. Aliado a essa situação, o país vivia um processo crescente de abertura política por eleições diretas — que só veio a se concretizar em 1989.

A escolha do professor Plínio Alves de Moraes surpreendeu a todos, inclusive a ele próprio. “Fiquei muito surpreso”, admitiu

há quatro anos. A lista do Conselho Diretor (Consu) era rigorosamente encabeçada pelo professor Rogério César Cerqueira Leite, seguida por Paulo Gomes Romeu. Em terceiro lugar estava o nome daquele que se tornou o segundo reitor da Unicamp. Quando o então governador Paulo Egídio anunciou o nome do novo reitor da Unicamp, a comunidade universitária sentiu-se perplexa.

Surpreendentemente, logo após, o Conselho Diretor viveu um dos períodos de maior democracia interna. Os diretores das unidades eram escolhidos por voto direto e a atuação do reitor, ao contrário do que acontecia na época de Zeferino Vaz — que exercia um inegável poder na instituição — era mais de coordenação. Contando com o apoio de diretores de várias unidades, a comunidade universitária, em consonância com o clima de eleições diretas que passava a ser bandeira da sociedade civil como um todo, queria exercer internamente o direito de escolher por voto direto o sucessor do professor Plínio.

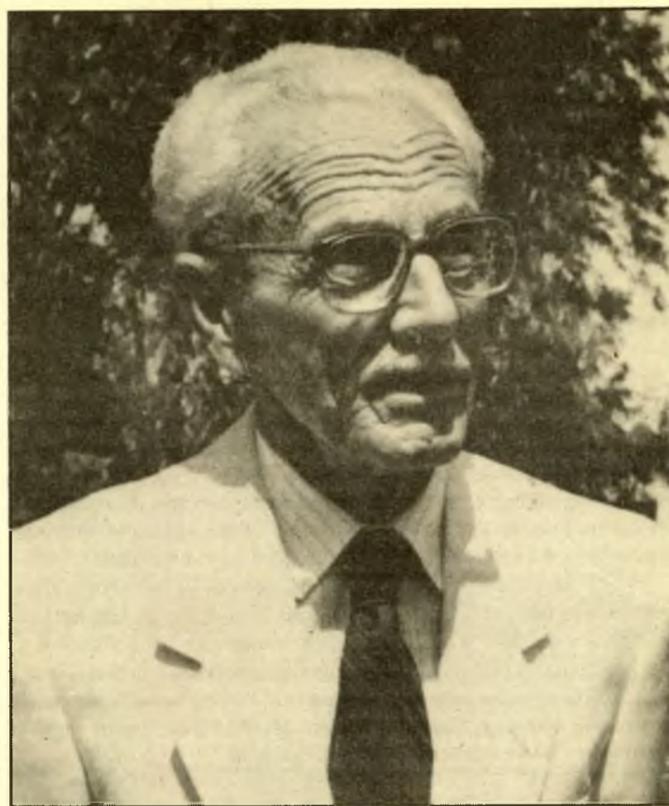
Crise — Em fevereiro de 1981, morre o professor Zeferino Vaz, que ocupava na época a presidência da Fundação de Desenvolvimento da Unicamp (Funcamp), recém-criada. Pouco menos de oito meses depois, a Universidade vê-se às voltas com uma grave crise institucional. A comunidade universitária reivindica e realiza, com o apoio do Conselho diretor, uma consulta interna à comunidade onde o educador Paulo Freire que havia retornado de exílio político conquistou o primeiro lugar da lista, com 6.734 votos. Entre-

tanto, sequer figurou da lista oficial do Conselho Diretor. O professor José Aristodemo Pinotti, que havia ficado em 12º lugar na lista da comunidade, com 1.781 votos, foi o escolhido pelo governador do Estado.

Em outubro de 1981 a Universidade Estadual de Campinas, que era objeto de freqüentes reportagens na grande imprensa em geral, em função das pesquisas de ponta aqui desenvolvidas, passou a figurar nos noticiários por sua crise institucional. Oito diretores de unidades foram exonerados de seus cargos com base em parecer do Conselho Estadual de Educação, que exigia a titularidade de MS-6 para o exercício da função. Como a Unicamp não estava institucionalizada, o parecer do CEE não foi bem aceito pela comunidade e deu margem a diferentes interpretações jurídicas. Prevaleceu, no entanto, a decisão do Conselho. Além disso, 14 diretores da Associação dos Funcionários (Assuc) foram demitidos.

Intervenção — Com base no parecer do CEE, o reitor Plínio Alves de Moraes, após exonerar os diretores, nomeou novos nomes para essas unidades. Para esses diretores, que ficaram conhecidos como “interventores”, a vida não foi nada fácil. Alguns sequer conseguiram tomar posse, tal a reação da comunidade universitária. Inúmeras assembléias e movimentos de protestos foram realizados, culminando com uma passeata nas ruas centrais de Campinas.

De 7 de outubro de 1981 a 18 de fevereiro de 1982, o Conselho Diretor deixou de reunir-se. Por ato do governador Paulo Maluf foram substituídos seis de seus



Plínio Alves de Moraes: “A experiência valeu a pena”.

membros. Finalmente, no dia 19 de fevereiro de 1982, com os novos conselheiros empossados, o Conselho se reúne e elabora uma nova lista sêxtupla. Dessa vez, o professor Pinotti figura no primeiro lugar, depois da realização de vários escrutínios e é o escolhido do governador.

A gestão Plínio Alves de Moraes foi sem dúvida alguma conturbada. Ele porém acha hoje que sua experiência à frente da Reitoria valeu a pena, apesar das decisões que

tomou “baseado na lei”. Disse que no período em que o Conselho Diretor não se reuniu — cerca de quatro meses — nunca trabalhou tanto. Hoje, aposentado e morando em Piracicaba, o professor Plínio não gosta de falar muito do período de sua administração. Acha, porém, que o saldo geral foi positivo. “Ajudei a conservar e a manter a Universidade e consegui fazer um sucessor como o professor Pinotti, que também contribuiu muito para a Unicamp”.

Pinotti duplicou a área construída

E deflagrou o processo de reforma institucional

Ao encerrar sua administração à frente da Unicamp em abril de 1986, o médico ginecologista José Aristodemio Pinotti lembrou as condições traumáticas em que encontrava a Universidade em 1982: conflagrada por exonerações e demissões, como também paralisada em muitas de suas frentes de trabalho. Eram tempos difíceis. "Não se tratava", escreveu ele na introdução de seu relatório quadrienal, "de promover entendimentos temporários, mas de fazer um grande e duradouro trabalho de conciliação. Nem de remendar a estrutura física da Universidade, mas de reconstruir quase inteiramente o campus e de atualizar seu traje administrativo". Mais que isso: tratava-se de restaurar o prestígio acabado da instituição.

A questão mais emergente era a da lei, já que a Unicamp, desprovida de estatuto próprio, vivia à sombra de um código tomado de empréstimo à Universidade de São Paulo. Tal código podia ser bom para a USP, mas não o era para a Unicamp, mais jovem, mais inquieta, fruto de uma outra cultura. Pelas brechas regimentais é que penetravam as crises. Tão logo assumiu, Pinotti entregou-se à tarefa de escrever uma nova constituição interna a partir da discussão dos problemas institucionais existentes. Depois de debatidos em assembleias, esses problemas passa-

vam pela aprovação do Conselho da Universidade (o então Conselho Diretor) e desaguavam nas mãos do governo do Estado, que os convertia em lei. Desse modo, uma a uma, as arestas institucionais foram sendo aparadas.

Por volta de 1984, a Unicamp já estava razoavelmente pacificada. Pendências judiciais foram arquivadas e muitos dos litigantes tornaram-se, com o tempo, vigas mestras do novo processo. Foi também no bojo dessa reforma que se estabeleceram, ao longo do período Pinotti, tópicos importantes como a carreira docente, a dos servidores, além de ter-se ampliado a competência das congregações de unidades e consagrado a isonomia de direitos políticos para os docentes. Ao mesmo tempo reabriram-se os concursos para professor titular, obstados desde 1981, com a criação de 243 cargos nesse nível e de 777 outros no nível de professor assistente. Os alunos ganharam maior representatividade no Conselho e nas Câmaras Curricular e de Pesquisa.

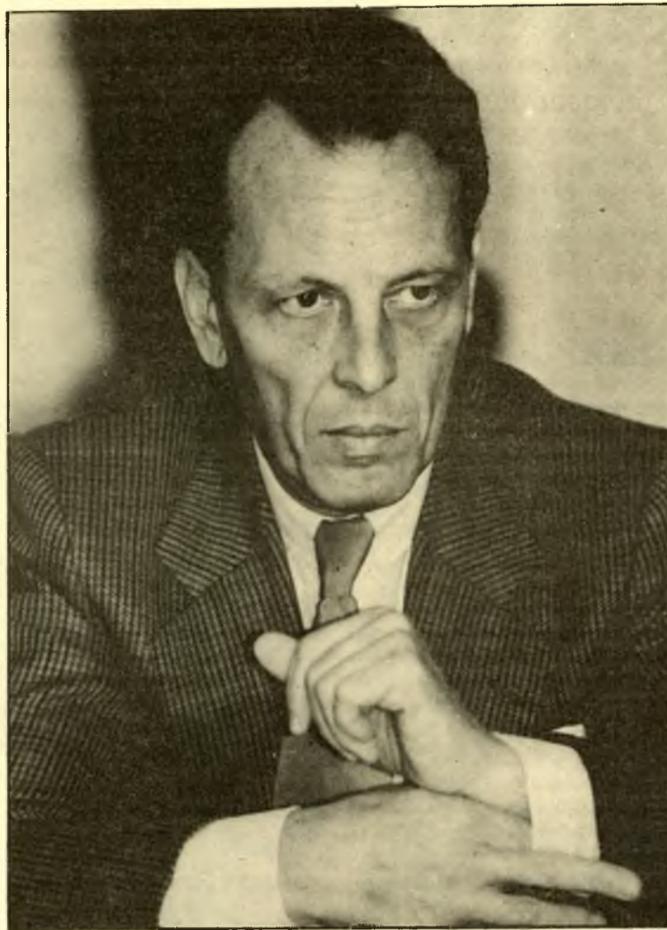
Deflagrado o processo de reforma institucional, Pinotti lançou-se a um vasto plano de reformulação administrativa e de reconstrução do campus, que se tornaria, daí por diante, num impressionante parque de obras civis. Todas as grandes obras paralisadas entre 1978 e 1982 foram retomadas, como o Hospital das Clínicas, o Ginásio Multidisciplinar, o Instituto de Matemática. Unidades como o Instituto de Artes e a Faculdade de Educação vinham funcionando precariamente em instalações acanhadas e exíguas. A própria Administração

achava-se confinada em barracões provisórios e insuficientes.

Entre reformas, ampliações e construções novas, a administração Pinotti realizou, ao fim de seu período, um total de quase 160 mil m² de obras, o que significou um acréscimo de 114% em relação à área construída precedente. Ao mesmo tempo, deu ela início ao processo de reequipamento da Universidade, com investimentos especialmente na área hospitalar. Iniciou-se também um programa de informatização com a compra de 200 microcomputadores para ensino e pesquisa.

Na pesquisa, a principal novidade da gestão Pinotti foi talvez a criação de uma estrutura de núcleos e centros interdisciplinares que, a partir da aglutinação de pesquisadores de diferentes unidades mas de confluência técnica possível, passaram a trabalhar em função de demandas sociais emergentes. Em pouco tempo alguns desses núcleos e centros se destacaram e tornaram-se referência até internacional. Essa estrutura seria aprimorada na gestão seguinte, com a criação de novos núcleos, a fusão de uns e a extinção de outros. Dando suporte a essas realizações, o orçamento da Unicamp experimentou, no período 1982-86, um aumento real de 58%.

Os que consideram a gestão Pinotti pouco popular apegam-se ao fato de que ele foi o 12º na lista indicativa da comunidade e terminou no topo da lista enviada ao governador. Sua sessão de posse foi, por isso, das mais tumultuadas. Entretanto, em maio de 1984, a realidade parecia ser bem outra. O governo Montoro convocara Pinotti a assu-



Pinotti: pacificação e início da institucionalização.

mir a Secretaria Estadual da Educação e ele, que dois anos antes assumira sob protesto, foi pressionado internamente a não aceitar. Os diretores de unidades mandaram telegrama ao governador pedindo-lhe que retirasse o convite. "Quando o navio já vai em alto-mar, por que

trocar o capitão?" assim se expressou um diretor. E até mesmo alguns dos alunos que o haviam vaiado na sessão de posse dirigiram-se a ele com o seguinte raciocínio: "Protestamos quando o ar entrou pela porta dos fundos; exigimos agora que saia pela porta da frente".

Investimentos marcam os anos Paulo Renato

Pesquisa voltou a ser prioridade e o estatuto foi consolidado

Sob a gestão Pinotti foi marcada pela expansão do campus, a administração seguinte, do economista Paulo Renato Costa Souza, caracterizou-se por uma forte política de investimentos na pesquisa. Paulo Renato desde o início mostrou um perfil de hábil captador de recursos. Numa época de restrições internacionais ao crédito brasileiro, ele obteve financiamentos alemães, húngaros, franceses e principalmente norte-americanos da ordem de US\$ 49,2 milhões. Somados aos investimentos brasileiros de fontes diversas, aplicados no reequipamento de laboratórios e bibliotecas, no aparelho administrativo e em obras físicas, esses recursos perfazem um investimento total, no quadriênio 1986-90, de cerca de US\$ 150 milhões. A soma só se equipara aos grandes recursos obtidos pela Unicamp nos anos 70, época de dinheiro fácil e quando a Universidade era ainda um canteiro de obras.

Só a linha de crédito obtida junto ao Eximbank norte-americano (US\$ 28 milhões) assegurou à Unicamp a importação, entre 1990 e 1991, de quase 1 mil equipamentos de pesquisa para os laboratórios de suas 19 unidades. Importantes centros de pesquisa, como o de Biologia Molecular, o de Doenças Gástricas e o de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas, foram construídos ou incorporados no período. A Universidade respondeu a esse esforço gerencial com um perceptível crescimento da atividade científica, registrando em 1989

um pico de 3.505 pesquisas em andamento, em contraposição às aproximadamente duas mil no início do quadriênio administrativo.

No bojo do programa de reequipamento promovido por Paulo Renato ganhou importância central o esforço para informatizar a Universidade que, afinal, se orgulhava de ter o melhor curso de computação do país e havia produzido, em passado recente, alguns dos componentes fundamentais do computador brasileiro. Foi assim que, entre 1987 e 1989, entravam na Unicamp cerca de 1.500 microcomputadores e, numa operação avalizada pelo governo do Estado, um grande computador com processador vetorial que colocava a Universidade na condição de instituição latino-americana melhor equipada em termos computacionais.

O surpreendente na gestão Paulo Renato foi que, ao priorizar a pesquisa, terminou por construir tanto quanto a administração anterior. Foram 221 mil m² de obras físicas entre reformas e edificações novas, entre as quais se destacaram a Biblioteca Central e a Faculdade de Engenharia Mecânica. Tudo isso, naturalmente, não seria possível sem que houvesse uma evolução substancial no orçamento, que cresceu, em termos reais, mais de 90% no quadriênio 1986-90.

Mas os anos Paulo Renato ficaram marcados também como período de afirmação e consolidação institucional da Unicamp, processo iniciado na gestão Pinotti. Neles se implantou a maioria das congregações de unidades, se descentralizou a estrutura de poder através da criação das Pró-Reitorias e, ponto alto do processo, instalou-se o Conselho Universitário (Consu). Foi também o período em que, conquistada a institucionalidade, chegou-se à autono-

mia universitária na esteira da Carta Constitucional de 1988 e, mais que isso, a uma fórmula de autonomia financeira inédita na história da Universidade brasileira. Paralelamente, deu-se início a um programa de reforma administrativa que balizou importantes medidas estruturais para o futuro e implantou-se um sistema de carreiras funcionais que recolocou os salários internos nos níveis de mercado e estabeleceu critérios de ascensão profissional tecnicamente objetivos.

Na área do ensino, um caso de êxito inequívoco deu-se com a profunda reforma feita no exame vestibular da Universidade. Ao abolir o sistema de múltipla escolha, ao valorizar a capacidade de reflexão dos candidatos e ao descentralizar os locais de inscrições e exames, a Unicamp deflagrou um processo de desmonte do velho sistema que alcançou praticamente todas as principais universidades do país. A consequência é que desde 1988 a Unicamp é a mais procurada instituição brasileira de ensino superior.

Notabilizou-se ainda a gestão Paulo Renato pelo seu esforço de aproximação com a indústria e com o setor público, especialmente prefeituras, capaz de absorver as tecnologias sociais produzidas na Universidade. Marcam época três importantes feiras de tecnologias realizadas no período. Houve, finalmente, a definição de uma política de extensão para a Unicamp.

O estilo Paulo Renato talvez possa ser explicado, enfim, por sua capacidade de transformar crises políticas em operações gerenciais bem sucedidas. Durante a monumental greve salarial do final de 1988, por exemplo, ele era acusado de um lado pelo movimento reivindicatório e de outro pelo governo, que o acusava (equivocadamente) de estimu-



Paulo Renato: autonomia e investimentos na pesquisa.

lar o movimento. Quando o impasse entre governo e universidades parecia insolúvel, com os reitores de permeio, partiram de Paulo Renato as idéias centrais que propiciaram a definição dos termos da autonomia de gestão financeira.

Outro fato remonta à noite de sua posse, quando ele encontrou o salão regurgitado de alunos travestidos de palhaços que reivindicavam, de res-

nada mais que um dos pontos de seu programa: a ativação de um projeto de moradia estudantil. Sua indignação inicial logo encontrou os canais da negociação e em seguida o espírito prático. Ao final de seu mandato, ele entregou aos alunos 250 residências com capacidade para 1.000 vagas. Muitos daqueles alunos travestidos de palhaços depois se tornaram seus amigos.

Ano a ano, os principais acontecimentos

Os fatos que marcaram a história da Unicamp ao longo de seus primeiros 27 anos

1965 Zeferino Vaz chefia a comissão de formulação e implantação da Unicamp, designada pelo então governador Laudo Natel. Participam da comissão os professores Paulo Gomes Romão e Antonio Augusto de Almeida. O governador incorpora ao projeto da Unicamp, como sua primeira unidade, a Faculdade de Ciências Médicas de Campinas — em funcionamento desde 63.

1966 Lançada a pedra fundamental, numa gleba de 30 alqueires, a 12 quilômetros do centro de Campinas. O governo libera recursos para a construção dos primeiros prédios e em setembro o reitor Zeferino Vaz reúne-se com empresários da região para definir o perfil dos cursos a serem implantados.

1967 Mais uma unidade é incorporada: a Faculdade de Odontologia de Piracicaba — já existente desde 53. Instala-se o Instituto de Física "Gleb Wataghin", onde já nos anos 70 pesquisas importantes serão realizadas. Outro instituto, o de Química, é constituído, logo passando a centro de excelência na América Latina. É criada a Faculdade de Engenharia de Alimentos e Agrícola, a primeira da América Latina. Funda-se a Associação dos Servidores da Unicamp, a Assuc.

1968 Cria-se o Departamento Econômico e Social, que se desdobraria mais tarde no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e, hoje, é uma unidade à parte, o Instituto de Economia — uma das principais escolas de pensamento econômico do País. Incorporando especialistas de Estatística e Ciência da Computação, forma-se o Instituto de Matemática.

1969 É instalado o Instituto de Biologia, que se destaca de imediato por suas pesquisas no campo da genética, microbiologia e zoologia. Surge a Faculdade de Engenharia de Campinas, integrada pelos departamentos de Engenharia Mecânica e Elétrica, acrescidos, em 1985, do de Química. Integra-se a Faculdade de Engenharia de Limeira, a segunda unidade fora do campus de Campinas.

1970 A Unicamp já reúne grandes nomes como César Lattes, André Toselo, Sérgio Porto, Gleb Wataghin, Vital Brasil, Marcelo Damy, José Ellis Ripper Filho, João Manoel Cardoso de Mello, Rogério Cerqueira Leite, Giuseppe Cliente e Benito Juarez, entre outros, firmando-se como um importante centro de produção de pesquisas e de cultura.

1971 Nasce a Faculdade de Educação, que um ano depois já oferecia seu primeiro curso de pós-graduação.

1976 Constitui-se o Instituto de Estudos da Linguagem graças ao desmembramento do Departamento de Linguística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.



Vista aérea do campus: instituição consolidada em 27 anos.



Zeferino Vaz caminha pela praça central recém-construída.

1977 Nasce a Associação dos Docentes da Unicamp, Adunicamp, que tem o professor Rubem Alves como o seu primeiro presidente.

1978 Termina a administração *pro tempore* do reitor e fundador Zeferino Vaz, quando se dá por encerrada a implantação da Unicamp. Com 70 anos, Zeferino é alcançado pela aposentadoria compulsória. O prof. Plínio Alves de Moraes, da Faculdade de Odontologia de Piracicaba, assume a reitoria, com mandato de quatro anos. Zeferino passa a presidir a recém-organizada Fundação para o Desenvolvimento da Unicamp, Funcamp. "A Unicamp está solidamente constituída", atesta Plínio, em sua posse.

1979 Em atividade desde 70, o Departamento de Música passa à condição de Instituto de Artes, com diversas habilitações.

1981 Morre Zeferino Vaz a 19 de fevereiro, de problemas coronarianos. Em outubro a Unicamp entra em grave

crise. Oito diretores de unidades são exonerados e 14 membros da Associação dos Servidores demitidos. O governo do Estado decreta a intervenção na Universidade.

1982 José Aristodemo Pinotti, da Faculdade de Ciências Médicas, assume como o terceiro reitor da Universidade. A intervenção já é coisa do passado e inicia-se a reconstrução física do campus.

1983 Instala-se a Prefeitura do Campus. Dá-se início à discussão para a reforma institucional da Universidade, já que até essa data a Unicamp funcionava com estatutos emprestados da USP.

1984 Cria-se o Instituto de Economia. São retomadas antigas obras paralisadas, que ao final da gestão dobrariam a área útil do campus.

1985 Instalam-se duas novas faculdades, a de Educação Física e a de Engenharia Agrícola, esta desmembrada da Faculdade de Engenharia de Alimentos.

1986 O economista Paulo Renato Souza assume como o quarto reitor da Unicamp. Em novembro a Universidade adquire das Indústrias Monsanto um importante centro de pesquisas nas proximidades do campus, logo transformado no Centro Pluri-disciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas — CPQBA. Completa-se o processo institucional com a instalação do Conselho Universitário, que passa a funcionar com 62 membros e substitui o antigo Conselho Diretor.

1987 A Unicamp reformula inteiramente seus exames vestibulares, abolindo os testes de múltipla escolha e valorizando as questões dissertativas. No campo da pesquisa, a Universidade define cinco áreas prioritárias de pesquisas: Biotecnologia, Informática, Química Fina, Energia e Novos Materiais.

1988 Instala-se o primeiro curso noturno da Unicamp, o de Matemática. Estabelece-se, com auxílio da Petrobrás, o Centro de Engenharia do Petróleo — Cepetro — com um curso em nível de mestrado.

A Unicamp promove uma importante Feira de Tecnologia — primeiro em Campinas, depois no Rio — buscando estreitar suas relações com a indústria. Realiza-se na Universidade o Seminário "Brasil Século XXI", destinado a discutir as perspectivas do país para o próximo século no campo econômico, social, tecnológico e cultural.

1989 Inicia-se importante processo de reequipamento de laboratórios. A Unicamp adquire um computador de última linha, o 3090, o primeiro a ser instalado numa universidade latino-americana. Inaugura-se nova e moderna Biblioteca Central, que concentra notáveis acervos bibliográficos. O campus amplia-se consideravelmente com o término de novas obras físicas, como o conjunto para a Engenharia Mecânica. As universidades estaduais paulistas, inclusive a Unicamp, ganham autonomia institucional e financeira do governo do Estado.

1990 Assume como quinto reitor o lingüista e poeta Carlos Vogt. As relações com a indústria são sistematizadas mediante a instalação, no campus, do Escritório de Transferência de Tecnologia. Inicia-se um amplo programa de estímulo à qualificação acadêmica dos professores. Promovem-se novas ampliações físicas no campus.

1991 O programa de qualificação alcança em cheio os cursos de pós-graduação, fazendo crescer em 50% o número de defesas de tese em relação a 1989. Em 5 de outubro, a Unicamp comemora seu primeiro quarto de século.

1992 Implantam-se de uma só vez oito cursos noturnos: Ciência da Computação, Engenharia de Alimentos, Engenharia Elétrica, Engenharia Química, Física, Educação Física, Ciências Sociais e Processamento de Dados. Os cursos de pós-graduação chegam à marca de 5.000 teses defendidas. Através do Escritório de Transferência de Tecnologia, a Unicamp totaliza 800 contratos firmados com a indústria.

1993 Declarado o "Ano da Graduação". A partir de um diagnóstico preparado no ano anterior, a Unicamp dedica-se a avaliar criticamente seus 42 cursos de graduação.

1994 A Unicamp investe, ao cabo do período administrativo, US\$ 108 milhões em reequipamento de laboratórios, informatização e obras. Capta, além disso, outros US\$ 157 milhões de recursos extra-orçamentários. E instala em março, no campus, o Centro Nacional de Processamento de Alto Desempenho (Cenapad), quintuplicando sua capacidade de processamento e consolidando sua posição de universidade mais bem informatizada da América Latina.

Volume de pesquisas cresce 75%

Números mostram expansão geral da produção científica

Pesquisa, ensino e extensão. Esse é o tripé no qual as atividades da Unicamp se desenvolvem. É através das pesquisas de ponta ou aplicadas, muitas delas já repassadas para o setor industrial, que os docentes renovam, a cada momento, o ato do aprendizado e, conseqüentemente, o do ensino. A caracterização de uma nova molécula ou de um produto capaz de melhorar o dia-a-dia do cidadão comum é fator de estímulo permanente.

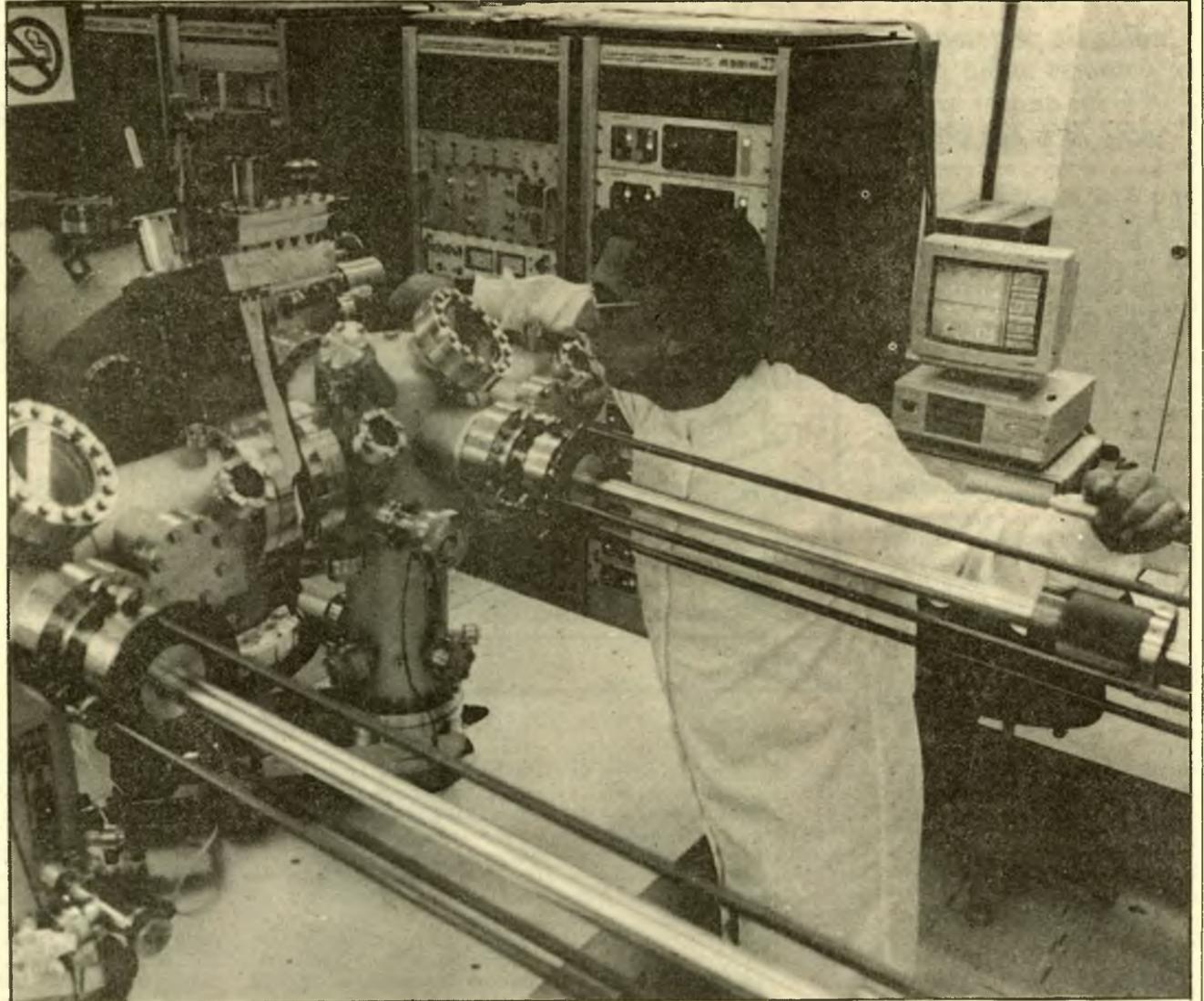
Ao longo desse quarto de século de existência da Universidade, a pesquisa tem sido a mola propulsora dos trabalhos da Instituição. A renovação de laboratórios e a criação de outros são ponto de honra para as sucessivas administrações. No período 1990-94, por exemplo, o número de pesquisas em andamento saltou de 3.500 para 6.145, um crescimento de cerca de 75%.

A vitalidade dessas pesquisas pode ser aferida pela média de quase 3.500 publicações anuais, (14.589 no quadriênio), entre artigos em periódicos especializados, capítulos de livros, traduções, além de comunicações em congressos, quer a nível nacional ou internacional. Com base nas pesquisas e no potencial de investimentos em novas áreas, foram mantidos 130 projetos de cooperação internacional. Foram ainda publicados 490 livros de autoria dos docentes.

Apoio institucional — Para que os docentes pudessem desenvolver com êxito suas pesquisas, a Instituição preocupou-se em aprimorar os recursos existentes e dotar as unidades de ferramentas adicionais para facilitar o implemento desses trabalhos. A criação do Sistema de Informação de Pesquisa, Ensino e Extensão (Sipex), por exemplo, permitiu a elaboração de um banco de dados sobre a vida institucional, científica e acadêmica da Universidade. A publicação regular do Anuário Estatístico e de Pesquisa possibilitou uma visão ampla e imediata dos trabalhos em curso. Através da experiência do Sipex, a Unicamp colaborou com o CNPq em seu projeto de informatização.

A interligação em rede, através de fibras ópticas, entre as diferentes unidades de ensino e pesquisa gerou a facilidade da comunicação necessária para a otimização das pesquisas. Da mesma forma, o acesso *on line* a bancos de dados internacionais reduziu o *gap* científico entre o Brasil e os pesquisadores do Primeiro Mundo, além de ter evitado a duplicação de trabalhos.

Num mundo em que a informação torna-se matéria-prima de primeira grandeza, a criação do Centro de Estudos e Pesquisas em Opinião Pública (Cesop) e sua conexão *on*



Pesquisador em atividade no Laboratório de Optoeletrônica, instalado no quadriênio no Instituto de Física.

line com o banco de dados do Roper Center for Public Opinion Research — o maior centro de armazenamento de dados de pesquisas de opinião dos Estados Unidos —, colocaram a Universidade em sintonia permanente com os acontecimentos.

A reformulação do antigo FAP e a sua transformação no atual Faep (Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa) permitiram que se criasse uma linha própria de financiamento à pesquisa e também ao ensino, especialmente na linha de projetos didáticos com financiamento não previsto pelas agências tradicionais de fomento. Recursos da ordem de US\$ 1 milhão, dos quais US\$ 750 mil de origem orçamentária, foram alocados nesse período. A informatização da administração do Faep permitiu, através da rede Unicamp, o acesso imediato dos pesquisadores aos projetos em andamento. O financiamento passou a ter um teto anual, possibilitando assim a cada docente apresentar mais de um projeto ao longo do ano.

Foi também criado o Centro de Exce-

lência em Qualidade e Produtividade Industrial, que vem servindo de importante suporte à pesquisa e ao ensino. Na área ambiental, a Unicamp uniu-se ao Consórcio Mata Atlântica e vem desenvolvendo um projeto de preservação da mata costeira brasileira. O Centro de Tecnologia de Plásticos, que atende à demanda tecnológica recente, é outra conquista da Instituição.

Uniemp — Instalado em fevereiro de 1992, o Instituto Universidade-Empresa (Uniemp) permitiu estreitar ainda mais os laços entre a Universidade e a indústria. Através do Uniemp, os laboratórios universitários abriram-se à cooperação tecnoló-

gica das empresas com vistas a um desenvolvimento conjunto de novos produtos. A experiência da Unicamp com o Escritório de Transferência de Tecnologia foi fundamental para a criação do Uniemp.

O apoio da Universidade ao projeto de incubadora de empresas — iniciativa da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado —, possibilitou a instalação da primeira unidade do gênero em Campinas, ao lado do Instituto Agrônomo da cidade. A exemplo do Uniemp, os laboratórios da Unicamp exercem papel fundamental para o surgimento dessas empresas nascentes. Pode-se assegurar, com efeito, que nos últimos quatro anos a pesquisa aplicada ganhou novos parceiros e a pesquisa pura novas ferramentas.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP NO PERÍODO 1990 - 94

Unidades	Pesquis.	Livros	Textos	Curs.Ext.	Eventos	Teses
Artes	302	19	143	28	233	20
Biologia	418	15	442	55	27	357
Ciências Hum.	453	160	626	84	209	206
Economia	125	13	357	13	27	102
Educação	114	22	128	96	20	230
Educação Física	293	05	194	214	14	36
Eng ^a Agrícola	100	07	287	26	124	45
Eng ^a Alimentos	235	09	733	73	15	139
Eng ^a Civil	89	03	102	06	05	24
Eng ^a Elétrica	216	63	1.117	50	20	398
Eng ^a Mecânica	129	04	900	132	94	260
Eng ^a Química	165	03	341	14	68	66
Física	350	04	1.913	19	178	178
Geociências	142	07	412	30	11	58
Linguagem	475	60	870	17	57	125
Matemática	301	15	753	46	30	179
Medicina	1.141	10	1.336	92	83	203
Odontologia	148	11	955	385	13	127
Química	500	16	1.980	39	14	207
Cepetro	07	02	125	08	03	95
CPQBA	115	01	160	10	05	06
Núcleos/Centros	327	41	715	243	803	-
TOTAL	6.145	490	14.589	1.680	2.053	3.061



LABOTATÓRIO RAMOS DE SOUZA ANÁLISES CLÍNICAS E ANÁTOMO PATOLOGIA

DR. VITOR RAMOS DE SOUZA - CRM 15210

ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA - SÃO PAULO
HOSPITAL ST BARTHOLOMEWS - LONDRES

DRA. ANGELA VON NOWAKONSKI - CRM 31703

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNIVERSIDADE DE TORONTO - CANADÁ
DEPARTAMENTO DE PATOLOGIA CLÍNICA - UNICAMP

DRA. CLÁUDIA DAMBROSKI PARTEL - CRM 61962

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - CURITIBA
DEPARTAMENTO DE PATOLOGIA CLÍNICA - UNICAMP

DRA. CECÍLIA AMÉLIA FAZZIO ESCANHOELA - CRM 46389

FACULDADE DE MEDICINA DE CATANDUVA - SP
LABORATÓRIO JEAN DEBRUX - PARIS
DEPARTAMENTO DE ANATOMIA PATOLÓGICA - UNICAMP

POSTO BARÃO GERALDO - Rua Albino José Barbosa de Oliveira, 1060 - Fone: 39-5777
COLETA - 07:00 às 10:00 Sábados - 07:00 às 09:30

LABORATÓRIO CENTRAL - CENTRO MÉDICO CAMPINAS - Fone: 39-1109

POSTO CAMBUÍ - Rua Olavo Bilac, 267 - Fone: 51-5011

POSTO GUANABARA - Rua Eduardo Lane, 200 - Fone: 41-5521

Obs: Atendemos UNIMED

Qualificação foi a palavra-chave

Índice de professores doutores subiu de 56% há quatro anos para 72% em 1994

Um dos itens prioritários do Projeto Qualidade — nome sob o qual ficou conhecido o programa de administração do professor Carlos Vogt —, a qualificação acadêmica começou pela fixação do título de doutor como patamar inicial da carreira docente. Seguiram-se, ao longo do período, várias medidas de estímulo ao processo de progressão acadêmica, como as bolsas de reconhecimento acadêmico e a reestruturação da carreira docente.

De fato, os docentes da Unicamp tiveram a sua carreira reestruturada a partir do redimensionamento positivo da gratificação de mérito, levando-se em conta a valorização da titulação acadêmica. Por outro lado, a Reitoria implementou em 1990 um programa destinado a estimular e ao mesmo tempo consagrar publicamente o desempenho de docentes que se destacam por sua produção científica. Os contemplados — em número de 45, até agora — recebem mensalmente, por um período de dois anos, o valor correspondente a 50% do salário-base do professor doutor em regime de tempo integral. O programa fixou uma distribuição anual de bolsas em número equivalente a 2% do quadro docente de cada unidade de ensino e pesquisa.

Titulação docente — Essa política teve como resultado uma progressiva elevação do número de professores titulados nos últimos quatro anos. Assim, o percentual de professores doutores na Universidade, que era de 56% no início de 1990, subiu para

SITUAÇÃO DOCENTE SEGUNDO REGIME DE TRABALHO

TITULAÇÃO	1989	1990	1991	1992	1993
Instrutores MS-1	271	231	115	106	72
Professores-Assistentes MS-2	803	797	717	666	566
Prof.-Assist./Doutores MS-3	597	633	655	711	770
Professores Livre-docentes MS-4	264	282	279	292	308
Professores-Adjuntos MS-5	196	166	158	163	166
Professores-Titulares MS-6	261	250	238	231	228
Total	2.362	2.359	2.162	2.169	2.110

62% em 1991, para 65% no ano seguinte e para 68,83% em 1993. A atual administração se fecha com um índice superior a 72%, ou seja, só comparável ao percentual de importantes instituições universitárias do primeiro mundo. No contexto desse processo o Instituto de Física, unidade que concentra 10% dos físicos em atividade no país, conta hoje com um quadro docente inteiramente constituído de professores doutores.

Outro item do Projeto Qualidade que mereceu forte ênfase foi o que

ampliou o número de professores em regime de dedicação exclusiva à docência e à pesquisa. Basta ver que, se o regime abrangia em 1989 83,7%, em 1993 esse percentual já era de 87,5%. Isso significa que, dos 2.114 professores que compõem o quadro docente da Unicamp, 1.850 atuam hoje em regime de tempo integral.

Avaliação — Mas o ponto culminante do Projeto deu-se em 1992, quando se iniciou o programa de avaliação institucional em moldes inéditos no panorama das instituições bra-

sileiras de ensino superior. O programa contou, numa primeira etapa, com a participação de todas as unidades de ensino e pesquisa, e, numa etapa conclusiva, com a colaboração de quatro comissões de avaliadores externos distribuídos por áreas de competência. Tais comissões incluíram nomes como o do atual reitor da Universidade de São Paulo, Flávio Fava de Moraes, então diretor científico da Fapesp, e dos professores Sulamis Dain (UFRJ), Marcius Fantozzi Giorgetti (USP/São Carlos) e Moysés

Nussenzweig (PUC/RJ), entre outros.

Desse modo, foram avaliados separadamente os cursos tecnológicos e as áreas de exatas, humanas e biológicas. O trabalho resultou numa série de pareceres e num diagnóstico final cuja publicação em livro está em fase de conclusão. A originalidade do processo avaliatório da Unicamp, bem como sua objetividade e profundidade, despertou a atenção de boa parte do sistema universitário brasileiro e até mesmo de importantes instituições latino-americanas.

Relações sociais foram intensificadas

Universidade aproxima-se mais da população e do setor privado

A aproximação da Unicamp com o setor privado ganhou maior intensidade nos últimos quatro anos. O relacionamento universidade-empresa, estimulado pela criação do Escritório de Transferência de Tecnologia (ETT), inaugurado em outubro de 1990, alcançou um patamar inédito na história da Instituição. Os 300 convênios de cooperação existentes em 1989 saltaram para cerca de 800 atualmente.

Esse incremento da transferência tecnológica resultou, ao longo do quadriênio, numa maior capacidade de captação de recursos extra-orçamentários. Só em 1993, fruto do contato com as indústrias, a Unicamp recebeu doações e repasses a fundo perdido da ordem de US\$ 54 milhões, quase sempre na forma de laboratórios instalados ou reequipados. A esse esforço se uniu o Instituto Universidade Empresa (Uniemp), entidade supra-universitária e supra-empresarial, com sede em São Paulo, que nasceu a partir da filosofia do ETT, com o objetivo de detectar as carências tecnológicas das indústrias e localizar os laboratórios de pesquisa capazes de resolvê-las.

Formado inicialmente por reitores de 17 universidades e representantes de 40 indústrias, entre elas a Rhodia — cujo presidente, Edson Vaz Musa, foi o primeiro diretor do Uniemp — o Instituto vem cumprindo um papel importante que deve crescer nos próximos anos.

Não foi apenas nessa área que a Unicamp fez expandir sua interação com a comunidade. A Escola de Extensão é outra prova de que iniciativas planejadas podem gerar bons resultados. Criada para treinar e reciclar profissionais que já tivessem passado por algum curso de graduação, a Escola vem apresentando uma atuação bastante dinâmica. Dos 204 cursos ministrados em 1990, saltou-se para 319 no ano passado. O número de horas-aula praticamente triplicou em

três anos, chegando a 12 mil em 93 contra 3.500, em 90. Só em 93, 6.000 alunos receberam certificados, o dobro de três anos atrás.

Estatísticas à parte, a Escola de Extensão demonstrou sua eficiência ao propiciar, recentemente, a criação de um laboratório novo no contexto da Universidade. O Laboratório A-Hand, um dos primeiros na região dedicados à produção de software, foi montado com US\$ 50 mil advindos de cursos de extensão na área de informática, ministrados pelo Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação.

A macrorregião de Campinas, constituída de cinco milhões de habitantes, tem sido a maior beneficiada com o atendimento médico-hospitalar oferecido pela Universidade. O Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp, mesmo sem ampliar seu número de leitos — 400 — aumentou consideravelmente sua capacidade de atendimento graças a vários programas de atualização técnica — especialmente na área de informatização e de otimização de níveis de produtividade.

Os números de cirurgias e de exames laboratoriais refletem a importância do HC junto à sociedade. As cirurgias, que somavam 10 mil em 1990, atingiram a casa de 14 mil no final de 1993 — um aumento, portanto, de 40%. Isso tudo, com um decréscimo de 400 funcionários. A situação não é diferente no Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Caism) — que atua com 197 leitos. Ali foram realizadas 50 mil consultas em 90, quando no ano passado esse número alcançou 80 mil. Houve aumento em todos os serviços prestados, principalmente no de cirurgias ambulatoriais e de pequenas cirurgias, que passaram de 2.148 para 6.600.

Para atender a essa demanda crescente, o HC e o Caism — assim como outros hospitais da região — contaram com o apoio do Hemocentro. Os recrutamentos de doadores que em 1990 atingiam 20 municípios, alcançaram 53 no ano passado. Os exames hematológicos também, no mesmo período, cresceram de 10.548 mil para 72.623 mil — uma expansão de quase 700%. Afora isso, com recursos de US\$ 250 mil repassados pelo governo do Estado, foi implantado o Cen-



Empresários e reitores: encontro para instalação do Uniemp, em São Paulo.

DESEMPENHO GERAL DO HC (1989-93)

	1989	1990	1991	1992	1993
Leitos	356	400	400	400	400
Pacientes internados	10.926	12.867	15.199	13.573	12.866
Consultas	313.261	313.935	327.941	336.632	354.855
Cirurgias	6.241	9.828	12.139	12.966	13.005
Exames laboratoriais	811.439	1.110.091	1.317.664	1.263.647	1.389.565
Outros serv. ambulatoriais	265.310	291.169	354.200	397.638	423.779
Raio-X	55.941	72.545	82.016	93.969	108.135
Refeições	1.397.817	1.444.579	1.654.796	1.744.168	1.845.378
Funcionários	2.672	2.840	2.686	2.622	2.425
Relação funcionário/leito	7,5	7,1	6,7	6,5	6,1

tro de Transplante de Medula Óssea. Menos de um ano após sua inauguração, a unidade já soma 10 transplantes realizados. Fato marcante foram também os transplantes de rins já realizados — mais 300 cirurgias.

A comunidade interna não ficou alheia aos serviços prestados pela Universidade. Em seu benefício foram investidos cerca de US\$ 4 milhões durante o quadriênio, especialmente na manutenção e na otimização

técnica e humana dos serviços médico-ambulatorial, do sistema de creches, do programa de ensino de 1º e 2º graus e de ensino supletivo no campus.

Teses

Foram defendidas no mês de dezembro as seguintes teses:

Engenharia Mecânica

"Um elemento finito hierárquico para análise dinâmica P-adaptativa de placas espessas" (doutorado). Candidato: Wlamir Carlos de Oliveira. Orientador: Fernando Iguti. Dia: 16 de dezembro.

"Estudo do diagrama ternário ferro-alumínio-nióbio" (doutorado). Candidato: José Miguel Zelaya Bejarano. Orientador: professor Sérgio Gama. Dia: 16 de dezembro.

"Desenvolvimento de um sistema especialista de usinagem" (mestrado). Candidata: Maria Cristina Aranda Batochchio. Orientador: professor Nivaldo Lemos Cupini. Dia: 20 de dezembro.

"Um modelo de avaliação de estrutura de manufatura enfocando atividades e valor agregado ao produto" (mestrado). Candidato: Felipe Araújo Calarge. Orientador: professor Oswaldo Luiz Agostinho. Dia: 20 de dezembro.

Engenharia do Petróleo

"Simulação numérica de escoamentos bifásicos a bolhas e pistonado usando um método Euleriano-Lagrangiano" (mestrado). Candidato: José Roberto Fagundes Neto. Orientador: professor Luiz Felipe Mendes de Moura. Dia: 3 de dezembro.

"Geração de carta dinamométrica de fundo para diagnóstico do bombeio mecânico em poços de petróleo" (mestrado). Candidato: Manuel de Almeida Barreto Netto. Orientador: professor Martin Tygel. Dia: 3 de dezembro.

"Modelagem de processo em um sistema de separação submarina de petróleo" (mestrado). Candidato: Paulo Moreira de Carvalho. Orientador: professor Eugênio Spanó Rosa. Dia: 6 de dezembro.

"Otimização e automatização do projeto de sistemas de ancoragem, de plataformas semi-submersíveis" (mestrado). Candidato: José Alfredo Ferrari Junior. Orientador: professor Celso Kazuyuki Morooka. Dia: 10 de dezembro.

"Perspectivas de perfuração nos anos noventa" (mestrado). Candidato: Marcelo Cláudio Ehlers. Orientador: professor Celso Pinto Ferraz. Dia: 15 de dezembro.

"Comportamento transiente de pressão em poços horizontais" (mestrado). Candidata: Christiane de Camargo. Orientador: professor Osvaldo Vidal Trevisan. Dia: 16 de dezembro.

"Previsão do comportamento transitório de pressão e temperatura em poços de petróleo e oleodutos" (mestrado). Candidato: Benno Waldemar Assmann. Orientador: professor Iberê Nascentes Alves. Dia: 16 de dezembro.

"Acoplamento poço-reservatório para análise de testes em poços não surgentes" (mestrado). Candidato: Walter Petrone Lemos. Orientador: professor Oswaldo Antunes Pedrosa Junior. Dia: 17 de dezembro.

"Planejamento e acompanhamento de poços de alívio" (mestrado). Candidato: Humberto de Lucena Lira. Orientador: professor Otto Luiz Alcântara Santos. Dia 17 de dezembro.

"Escoamento tubular e anular de fluido de perfuração com adição de poliácrlamida da redução de arraste" (mestrado). Candidato: João Chisóstomo de Queiróz Neto. Orientado-

ra: professora Sandra Cristina dos Santos Rocha. Dia: 20 de dezembro.

Engenharia Química

"Aplicação de técnicas de síntese de processos na concepção de uma planta integrada de 2-Butanol" (mestrado). Candidato: Denis Libert Westphalen. Orientadora: professora Maria Regina Wolf Maciel. Dia: 3 de dezembro.

"Métodos de colocação ortogonal em elementos finitos aplicado à solução de problemas bidimensionais de escoamento laminar em dutos cilíndricos" (mestrado). Candidato: Evandro Steffani. Orientador: professor Miltom Mori. Dia: 10 de dezembro.

Física

"Eletro-inserção de Li (+) em filmes de óxido de titânio: relação entre electrocromismo e propriedades físico-químicas do material" (doutorado). Candidato: Maurício Pereira Cantão. Orientador: professor Jorge Ivan Cisneros. Dia 9 de dezembro.

"Aspectos semiclássicos dos bilhares de ação" (mestrado). Candidato: César Augusto Rodrigues Castilho. Orientador: professor Alfredo Miguel O. de Almeida. Dia: 15 de dezembro.

"Aspectos do vácuo quântico" (doutorado). Candidato: José Alexandre Nogueira. Orientador: professor Adolfo Maia Junior. Dia: 17 de dezembro.

"Bombeamento óptico e resfriamento com laser em peixes atômicos de magnésio e cálcio" (doutorado). Candidato: João Victor Boechat Gomide. Orientador: professor Artêmio Scalabrin. Dia: 27 de dezembro.

Geociências

"Administração e política de recursos minerais" (mestrado). Candidata: Maria Helena F. Panigassi. Orientador: professor Iran F. Machado. Dia: 13 de dezembro.

"Modelo estocástico integrando dados de poços horizontais e verticais" (mestrado). Candidato: Zilander Camolese. Orientador: professor Armando Zauza Remacre. Dia: 16 de dezembro.

"Caracterização dos fluidos H₂S e água em reservatórios carbonáticos" (mestrado). Candidata: Monica Rebelo Rodriguez. Orientador: professor Chang Hung Hiang. Dia: 17 de dezembro.

"O magnetismo associado ao depósito mineral cupro-aurífero do Igarapé Bahia, Carajás, PA, Brasil" (mestrado). Candidata: Liliane Lavourea B. Sachs. Orientador: professor Job Jesus Batista. Dia: 17 de dezembro.

"Modelagem numérica para tratamento de dados" (mestrado). Candidato: Paulo Lopes Brandão Paraizo. Orientador: professor Armando Zauza Remacre. Dia: 17 de dezembro.

"Uma Modelagem geológica para caracterizar avanço de água em um reservatório turbidítico" (mestrado). Candidato: André Luis M. Ferreira. Orientador: professor Armando Zauza Remacre. Dia: 17 de dezembro.

Humanas

"Marcello Piacentini — arquitetura no Brasil" (mestrado). Candida-

to: Marcos Tonhão. Orientador: professor Jorge Sidney Coli Júnior. Dia: 1º de dezembro.

"Grupos de estilo jovens — o rock underground e as práticas (contra)culturais dos grupos 'punk' e 'trash' em São Paulo" (mestrado). Candidata: Kenia Kemp. Orientadora: professora Ana Maria de Niemeyer. Dia: 1º de dezembro.

Trajatória da política de informática brasileira (1974-1991): atores, instituições e estratégias" (doutorado). Candidato: Jorge Ruben Biton Tapia. Orientadora: professora Sonia Miriam Draibe. Dia: 2 de dezembro.

"Visões da conquista: verso e reverso — as missões jesuítas nos séculos XIV/XVII" (mestrado). Candidata: Maria Leôncia Chaves de Resende. Orientador: professor Sidney Chalhouh. Dia: 2 de dezembro.

"Protestantes e política no Brasil" (doutorado). Candidato: Paul Charles Freston. Orientador: professor Sérgio Miceli Pessoa de Barros. Dia: 3 de dezembro.

"Crítica a pressupostos de duas teorias de probabilidades" (mestrado). Candidato: Claudio Renato Weber Abramo. Orientador: professor Zeljko Loparic. Dia: 3 de dezembro.

"Ideologia: relações sociais e subjetividade — estrutura ideológica e formas sociais e consciência" (mestrado). Candidato: Alberto Haruyoshi Hiltomi. Orientador: professor Edmundo Fernandes Dias. Dia: 13 de dezembro.

"A negrada instituição — os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1980" (mestrado). Candidato: Carlos Eugênio Líbano Soares. Orientador: professor Sidney Chalhouh. Dia: 13 de dezembro.

"Vivos uni-vos — os ecologistas e a Assembléia Nacional Constituinte" (mestrado). Candidato: Wilton Carlos Lima da Silva. Orientador: professor Daniel Joseph Hogan. Dia: 15 de dezembro.

"O partido comunista brasileiro e os movimentos de massa 1978-1980" (mestrado). Candidato: Guilherme Cavalheiro Dias Filho. Orientador: professor Armando Boito Júnior. Dia: 15 de dezembro.

"Nas fronteiras da independência: um estudo sobre os significados da liberdade na região de Itu, 1779-1822" (mestrado). Candidata: Magda Maria de Oliveira Ricci. Orientadora: professora Silvia Hunold Lara. Dia: 15 de dezembro.

"Aristóteles e os conquistadores: o uso da política nas controvérsias espanholas sobre a invasão da América na primeira metade do século XVI" (doutorado). Candidato: Jorge Rodriguez Gutierrez. Orientador: professor João Carlos K. Quartim de Moraes. Dia: 16 de dezembro.

"Desde estos mismos balcones...direito e legitimidade no primeiro peronismo" (mestrado). Candidata: Maria Del Carmen Cortizo. Orientador: professor Octávio Ianni. Dia: 21 de dezembro.

"A cidade inventada: a Paulicéia construída nos relatos memorialistas 1870-1920" (mestrado). Candidata: Ana Cláudia Fonseca Brefe. Orientadora: professora Luzia Margareth Rago. Dia: 22 de dezembro.

Linguagem

"Inconfidência Mineira: a história dos sentidos de uma história" (doutorado). Candidata: Júnia Focas Vieira Machado. Orientador: professor João Wanderley Geraldi. Dia: 6 de dezembro.

"Sobre a narrativa do sonho" (doutorado). Candidata: Alícia Beatriz Kostenbaum. Orientadora: professora Cláudia Thereza G. de Lemos. Dia: 6 de dezembro.

"Riso entre pares: poesia e comichidade no romantismo brasileiro" (mestrado). Candidato: Vagner Camilo. Orientadora: professora Vilma Sant'Anna Arêas. Dia: 9 de dezembro.

"Traçando os rumos da nota do tradutor: o caso de O mundo se despedaça" (mestrado). Candidato: Dawn Alexis Duke. Orientador: professor Paulo Roberto Ottoni. Dia 10 de dezembro.

"Os bárbaros do ritmo (produtos ficcionais do declínio ou narrações em compasso de pós-modernidade)" (mestrado). Candidato: Fernando Villarraga Eslava. Orientadora: professora Iunna Maria Eslava. Dia: 14 de dezembro.

"A construção do ensino — aprendizagem de língua estrangeira com adolescentes" (mestrado). Candidata: Adcleia Basso Macowski. Orientador: professor José Carlos Paes de Almeida Filho. Dia: 14 de dezembro.

"A motivação para aprender a língua estrangeira (inglês) em contexto de ensino interdisciplinar" (mestrado). Candidata: Débora Cristina Mantelli Baghin. Orientador: professor José Carlos Paes de Almeida Filho. Dia: 15 de dezembro.

"Análise da produção da fala: estudo de caso de aprendizes brasileiros de francês de nível universitário" (mestrado). Candidata: Clémence Marie Chantal Jouet-Pastre. Orientador: professor John Robert Schmitz. Dia: 16 de dezembro.

"O estilo irônico da obra de César Verde" (mestrado). Candidata: Thaís Maria Vinci Mendonça Chaves. Orientador: professor Haquira Osakabe. Dia: 16 de dezembro.

"Joaquim Manoel de Macedo: o leitor e a literatura do século XIX" (mestrado). Candidata: Cristina Mantovani Bassi. Orientadora: professora Marisa Philbert Lajolo. Dia: 16 de dezembro.

"Repensando o conceito de competência comunicativa na aula de Português — língua estrangeira: uma perspectiva estratégica" (mestrado). Candidata: Elisabeth Maria Fontão do Patrocínio. Orientadora: professora Marilda do Couto Cavalcanti. Dia: 17 de dezembro.

"Uma nova face da Nau dos Insensatos — a dificuldade de vozear obstruintes em crianças de idade escolar" (doutorado). Candidata: Ivone Panhoca Levy. Orientadora: professora Eleonora Cavalcante Albano. Dia: 21 de dezembro.

Matemática

"Minimizando a energia livre de Gibbs numa caixa — uma nova abordagem para o problema do equilíbrio líquido-vapor" (doutorado). Candida-

to: Luiz Nelio Handerson Guedes de Oliveira. Orientador: professor Martin Tygel. Dia: 2 de dezembro.

"Bifurcação de codimensão 3 de campos de vetores" (mestrado). Candidato: Ronan Antonio dos Reis. Orientador: professor Marco Antonio Teixeira. Dia: 2 de dezembro.

"Bifurcações locais de aplicações reversíveis bidimensionais" (mestrado). Candidato: Alancardek Pereira Araújo. Orientador: professor Marco Antonio Teixeira. Dia: 3 de dezembro.

"Metodologia para aperfeiçoamento de processos uma abordagem alternativa" (mestrado). Candidato: Paulo Cesar Simões Borges. Orientador: professor Marcelo Alceu Amoroso Lima. Dia: 3 de dezembro.

"Efeitos abióticos e a periodicidade em dinâmica populacional" (mestrado). Candidata: Renata Zotin. Orientador: professor Rodney Carlos Bassanezi. Dia: 6 de dezembro.

"A álgebra do espaço-tempo, o spinor de Dirac-Histenes e a teoria do elétron" (doutorado). Candidato: Jayme Vaz Júnior. Orientador: professor Waldyr Alves Rodrigues Júnior. Dia: 16 de dezembro.

"Modelagem matemática e aproximação numérica do estudo de poluentes do ar" (mestrado). Candidata: Sonia Helena Palomino Castro. Orientador: professor João Frederico da Costa Azevedo Meyer. Dia: 20 de dezembro.

"Função de Hilbert para uma K-álgebra homogênea" (mestrado). Candidato: Jefferson Luiz Rocha Bastos. Orientador: professor Paulo Roberto Brumatti. Dia: 20 de dezembro.

"Teoria de Krummer sobre anéis comutativos" (mestrado). Candidata: Angela Marta Pereira das Dores Savioli. Orientador: professor Antonio Paques. Dia: 21 de dezembro.

"Controle determinístico de tratamentos quimioterápicos" (doutorado). Candidato: Michel Iskin da Silveira Costa. Orientador: professor Rodney Carlos Bassanezi. Dia: 22 de dezembro.

Medicina

"Células formadoras de colônias (CFCs) e produção de fatores estimuladores de colônias (CSFs) após infecção em animais expostos ao chumbo" (mestrado). Candidata: Cláudia Bincoletto. Orientadora: professora Mary L.S. Queiroz. Dia: 1º de dezembro.

"Efeitos induzidos pelo veneno total de *Micrurus nigrocinctus* sobre a junção neuromuscular — aspectos miográficos, eletrofisiológicos e morfológicos de preparações neuromusculares isoladas de camundongo" (mestrado). Candidata: Fátima Cristiane Lopes Goularte. Orientadora: professora Léa Rodrigues Simioni. Dia: 2 de dezembro.

"Contribuição ao estudo da cardiomiopatia diabética. O coração diabético e os pequenos vasos intramio-cárdios" (doutorado). Candidata: Fátima Regina Chaves. Orientador: professor Paulo Afonso Ribeiro Jorge. Dia: 2 de dezembro.

"Epidemiologia e controle da dengue no Estado de São Paulo — avaliação do processo de municipalização das atividades de controle do *Aedes aegypti* na região de Presidente Prudente-SP — 1985-1991" (mestrado). Candidato: Shin Shiang Lo. Orientador: professor Luiz Jacintho da Silva. Dia: 6 de dezembro.

FISK

I N G L Ê S

GARANTE O SEU PASSAPORTE PARA O MESTRADO E DOUTORADO NOS E.U.A.

A ESCOLA FISK PREPARA VOCÊ PARA O EXAME TOEFL.

- ⇒ Professores especializados
- ⇒ Material importado fornecido pela escola
- ⇒ Preços especiais para Universitários
- ⇒ Grupos reduzidos
- ⇒ Vagas limitadas, garanta a sua!

2 anos de experiência com resultados comprovados!

R. Coronel Quirino, 1111 - Cambul
FONE: 52-2001
R. Oliveira Cardoso, 215 - Castelo
FONE: 42-0797

Informatização muda de patamar

Universidade entra na era da computação de alto desempenho

A inauguração, este mês, do Centro Nacional de Processamento de Alto Desempenho (Cenapad), marca a consolidação do parque computacional da Universidade e o início de uma nova fase em seu processo de informatização. Com o novo Centro, a capacidade de processamento de dados da Unicamp passa de 400 milhões de operações por segundo para 3,6 bilhões. Dessa forma a instituição transforma-se no maior centro universitário de informática da América Latina. Através do Cenapad, que funcionará em prédio próprio, numa área de 5 mil m², será possível também prestar serviços de natureza acadêmica ou empresarial a instituições públicas e privadas.

O Cenapad é resultado de um convênio entre a Unicamp, a Finep e a IBM. Recursos da ordem de US\$ 35 milhões foram alocados para o Centro. Na fase inicial de funcionamento estão previstos US\$ 16,4 milhões, assim distribuídos: Unicamp, — US\$ 3,5 milhões; Finep, US\$ 4 milhões; e IBM, US\$ 8,9 milhões. Já estão também designados outros US\$ 18 mil (Unicamp, US\$ 6 milhões; Finep, US\$ 4 milhões; e IBM, US\$ 8 milhões) a serem utilizados nos próximos três anos, garantindo assim a permanente atualização tecnológica. Como parte do convênio firmado com a IBM, outros 900 microcomputadores destinados ao ensino serão colocados na Universidade.

Atualização — No mundo dos bits, os investimentos contínuos são vitais para dar conta do acelerado desenvolvimento tecnológico do setor e para a manutenção de qualquer sistema. Consciente dessa necessidade, foi delineada, a partir de 1990, uma política objetiva de modernização do parque computacional da Universidade. A substituição das duas máquinas centrais VAX 785 pelo cluster VAX 4.000, bem como a instalação da rede Uninet, interligando as 350 estações de trabalho SUN com o



Edifício recém-construído que abriga, a partir de março, o Centro Nacional de Processamento de Alto Desempenho.

sistema operacional UNIX, e os 3.000 microcomputadores, através de fibras ópticas, foi o ponto de partida dessa revolução.

O computador central da Universidade, o IBM 3090, modelo 14E, foi transformado na versão 20J, o que permitiu não só a expansão do sistema, mas também seu funcionamento em ambiente de processamento paralelo em concomitância com o processamento vetorial. Entre as máquinas de grande porte da Unicamp destacam-se ainda os seguintes equipamentos: três Microvax 3100, dois Vax 4000 em cluster, 1 Vector Facility com 400 terminais, 1 cluster de 8 Risc 6000/560 interligados para processamento em paralelo com rede FDDI de alto desempenho e 1 Server SUN 390.

A ampliação da capacidade operacional do sistema computacional da Universidade, com a oferta de um micro para cada 10 estudantes, possibilita a toda a comuni-

dade acadêmica — docentes e alunos — o acesso imediato a bancos de dados nacionais e estrangeiros, otimizando e agilizando as pesquisas em andamento. A Biblioteca Central da Universidade também se preocupou em facilitar a vida de seus usuários através da implantação do CD-ROM, um disco-laser que traz o catálogo coletivo dos acervos bibliográficos das três universidades estaduais paulistas. Com atualização prevista a cada seis meses, o novo sistema agiliza sobremaneira a consulta às publicações.

Informatização da saúde — O setor de saúde não foi esquecido no processo de informatização da Universidade. Com um índice mensal de cerca de 30 mil consultas, 1.200 cirurgias e 130 mil exames laboratoriais, a introdução das ferramentas oferecidas pela computação permitiu não só

uma melhor organização mas também um atendimento mais sistematizado da área.

O Centro de Processamento de Dados (CPD) do Hospital das Clínicas, com suas duas máquinas centrais IBM 4381, permitiu a interligação dos diferentes serviços oferecidos pelo HC. Com isso, a atualização permanente dos prontuários de cada paciente facilita ao médico e aos profissionais da saúde a rápida informação sobre o tratamento de cada patologia. O mesmo ocorre com o pronto-socorro, as enfermarias e o Centro Cirúrgico. Através da Rede *Token Ring* e seus terminais espalhados nos diferentes setores, é agora possível obter informações sobre localização, ocupação de leitos, boletins clínicos, previsões de alta, bem como do nível de estoque dos medicamentos e materiais necessários para o atendimento a cada paciente.

Investimento foi de US\$ 108 milhões

Surgiram novos laboratórios e área construída cresceu 174 mil m²

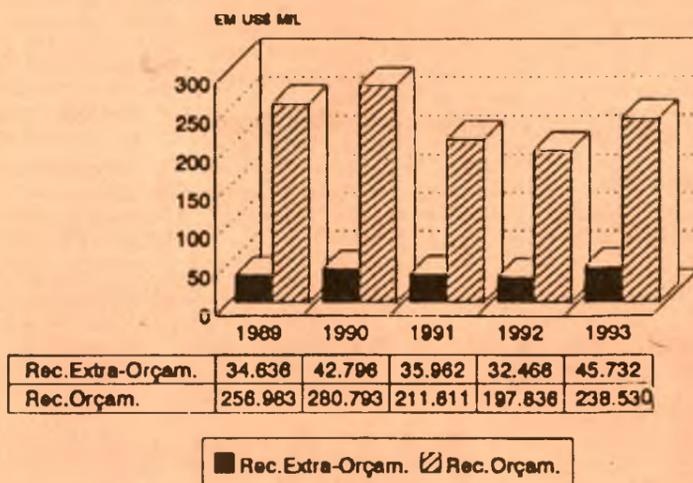
A crise conjuntural que se instalou no país, especialmente no período entre 1990 e 1993, impediu que a Universidade investisse no reequipamento de laboratórios e na expansão da área física. O investimento total, nesses setores, foi de US\$ 108 milhões — dos quais US\$ 52,2 milhões só no último ano.

Esses recursos permitiram à Unicamp expandir a área física construída em mais de 170 mil metros quadrados, aumentar de 7.203 para 9.539 o número de alunos matriculados nos 39 cursos de graduação e ampliar de 1.615 para mais de 2 mil as vagas oferecidas nesses cursos. Além disso, a Universidade aumentou de 1 para 14 o número de cursos noturnos na graduação e oferece hoje 2.105 vagas anuais em nível de pós-graduação, contra 970 registradas há quatro anos. O volume anual de teses defendidas também teve aumento substancial: subiu de 525 para 790.

Outro exemplo que ilustra a melhoria alcançada é o crescimento do acervo de bibliotecas setoriais, bem como da própria Biblioteca Central. Atualmente há na Universidade 340.548 livros e 17.546 periódicos, através dos quais os pesquisadores se atualizam em suas respectivas áreas e áreas afins. São números que representam, nos últimos quatro anos, um crescimento superior a 50%. Paralelamente, foi iniciado o projeto para a produção de uma base de dados CD-ROM, que integra os acervos de livros e teses das três universidades estaduais paulistas. Importante também foi a ampliação em 75% da capacidade de produção gráfica na Universidade, com o reequipamento de sua Gráfica Central, pela incorporação de uma nova máquina impressora, de um laboratório de fotolitos e outros equipamentos.

Expansão física — Entre construções, reformas, benfeitorias e serviços de conservação, o Escritório Técnico de Construção (Estec) da Universidade registra que no quadriênio foram reali-

DISTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS NO ORÇAMENTO DA UNIVERSIDADE (1989-93)



zadas 1.558 obras, o que representa uma expansão de 174.067 metros quadrados. No elenco de obras concluídas ou reformadas, destacam-se as novas instalações para o Centro de Computação (4.904m²), bloco I do Instituto de Química (3 mil m²), Restaurante à la carte (1.048m²), Escola de Primeiro Grau (1.000m²), Laboratório de Quartz (1.010m²), bloco E da Faculdade de Engenharia Elétrica (2.100m²) conjunto para Biotecnologia do Instituto de Biologia (1.365m²) e Laboratório de Hidráulica da Faculdade de Engenharia Civil (780m²).

Além desses, o bloco da Oftalmologia do Hospital das Clínicas (770m²), sala de estudos para o Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação (732m²), administração da Fa-

culdade de Odontologia de Piracicaba (732m²), oficina mecânica do Instituto de Física (700m²), bloco de laboratórios (650m²) e prédio do Departamento de Construção Civil da Faculdade de Engenharia Civil (650m²), salas de aula da Faculdade de Engenharia de Alimentos (633m²) e bloco da Geologia do Petróleo do Instituto de Geociências (544m²).

Destacam-se, entre as obras em andamento, o conjunto de prédios para a Faculdade de Ciências Médicas (5.140m²), bloco do Gastrocentro (2.092m²), bloco do Laboratório de Água e Solo da Faculdade de Engenharia Agrícola (2.000m²), prédio do Centro de Engenharia Biomédica (1.330m²), mezanino do Departamento de Tecnologia de Alimentos da Faculdade de Engenharia

de Alimentos (1.300m²), bloco III da Faculdade de Engenharia Química (987m²), bloco de Biotecnologia do Instituto de Biologia (732m²) e bloco para a Comissão do Vestibular (732m²).

Outros projetos — Houve ainda o contrato para a execução do projeto da biblioteca das Engenharias (4.300m²) e foram encaminhados ao Estec estudos para uma biblioteca comum às áreas de humanidades e artes, bem como o projeto para a construção do teatro do Instituto de Artes (5.700m²). No crescimento da infra-estrutura, durante os quatro anos da gestão Vogt implantou-se o Sistema de Discagem Direta a Ramais (DDR) e a rede subterrânea do campus com 4 mil metros de cabos de alta capacidade. Outros exemplos da expansão da telefonia foram a alienação da rede telefônica junto à Telesp e a implantação do sistema de busca automática a ramais para acesso ao computador central da Universidade.

A melhoria da segurança no campus também foi alvo dos projetos executados nos últimos quatro anos. A Universidade foi dotada de um sistema de sete guaritas e onze cancelas, com o que a taxa de roubos de veículos ficou praticamente reduzida a zero. Com a implementação dos cursos noturnos, a iluminação do campus foi intensificada — proporcionando maior segurança à comunidade — com a instalação de 300 novas luminárias, implicando em mais 1.800 metros de rede elétrica e 300 postes.

Financiamentos — A administração do professor Carlos Vogt deixa ainda encaminhadas várias operações de crédito junto a organismos internacionais, com o objetivo de reequipar futuramente as unidades de ensino e pesquisa. Exemplo disso é o financiamento de US\$ 20 milhões, junto à Fomento Comércio Exterior da Espanha (Focoex), sendo US\$ 12 milhões para reequipar laboratórios de ensino e o restante para complementar o reequipamento dos laboratórios de pesquisa da Universidade. Há também o programa Inglaterra, para a compra de equipamentos daquele país, no valor de US\$ 10 milhões e ainda negociações diversas com intermediação da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado, para a obtenção de US\$ 15 milhões a serem destinados a novos programas tecnológicos.